

«COPIA DÉ LA LETERA DEL CAPITANNO
DÉ LA GRANDÉ ARMATA TURCHESCA
TRANSLATATA IN GRECO»

(Edição diplomática, crítica, tradução e comentário)

por

ANTÓNIO MANUEL LÁZARO,

(com a colaboração de VASSILIKI KRÁVARI e LUÍS FILIPE THOMAZ)

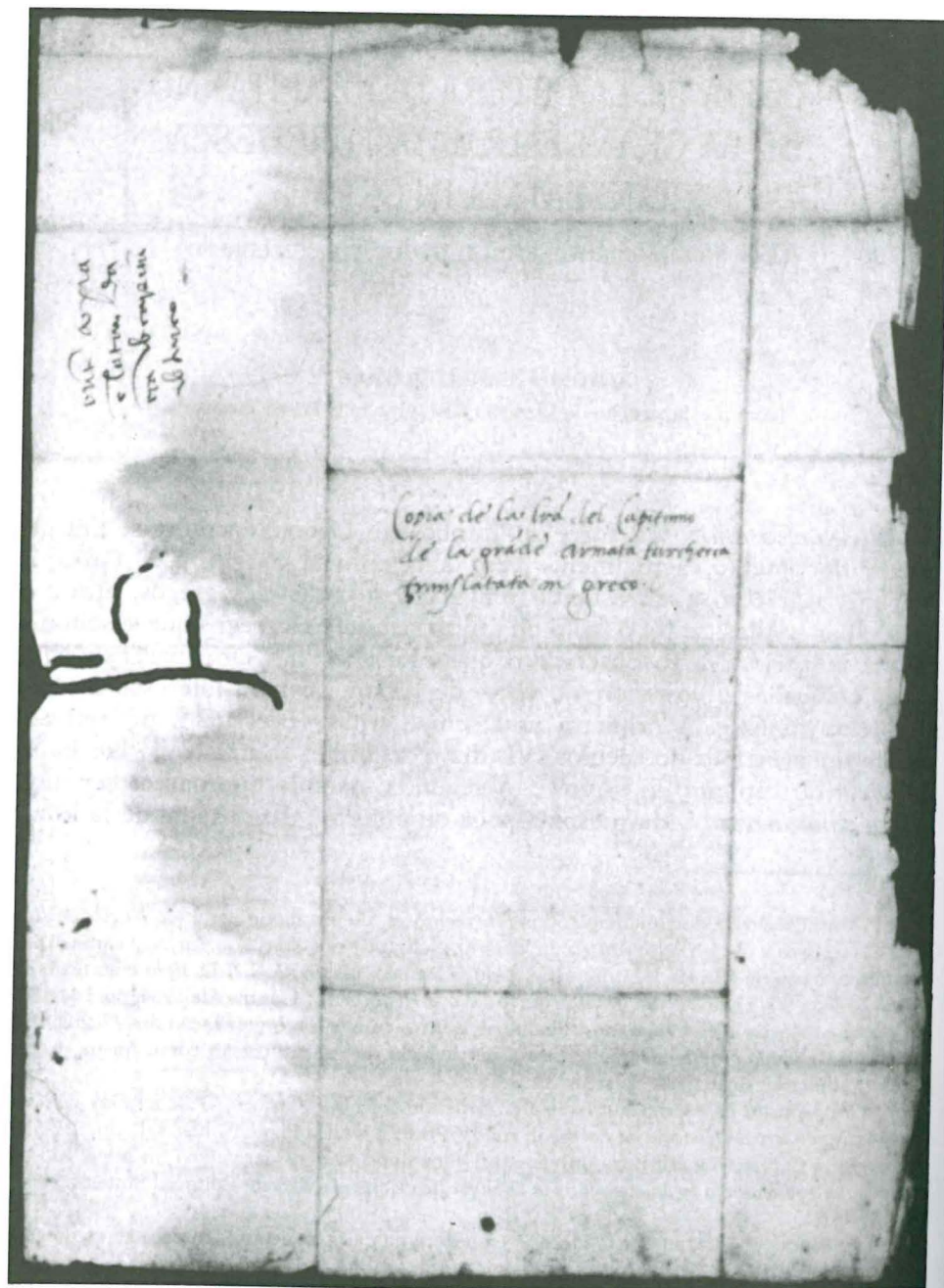
No *Núcleo Antigo* da Torre do Tombo, em Lisboa, encontra-se um pequeno documento, actualmente com a referência *Fragmentos*, Caixa 2, Maço 2, n.º 76, o qual, estando redigido em caracteres gregos, atraiu o meu olhar¹. Aliás, se foi o facto de utilizar caracteres gregos que suscitou a minha curiosidade, ao observar o que estava escrito em duas pequenas notas colocadas *a posteriori* no verso do mesmo, o meu interesse cresceu significativamente. A primeira nota, em escrita processual², presumivelmente do princípio do século XVI, diz o seguinte: «outra copia em latim da carta do capitam do turco»³. A segunda, naquilo que parece ser uma *lettera cancelleresca*⁴, da mesma época da anterior, diz: «Copia dé la letera

¹ A utilização da documentação dos *Fragmentos* e, de um modo geral, do *Núcleo Antigo* impõe o recurso à obra *Núcleo Antigo: Inventário*, elaborado por Maria do Carmo Jasmins Dias Farinha e Maria de Fátima Dentinho Inglês do Ó Ramos, Lisboa, A.N./T.T., 1996 e ao texto de Maria José da Silva Leal, «Fundos de Arquivo», *Nova História*, n.º 1, Junho de 1984, pp. 144-150. No que diz respeito a este segundo trabalho, se é verdade que a reorganização dos *Fragmentos* lhe retirou alguma utilidade, mantém-se a pertinência da sua utilização como forma de ter acesso a uma descrição geral do seu conteúdo.

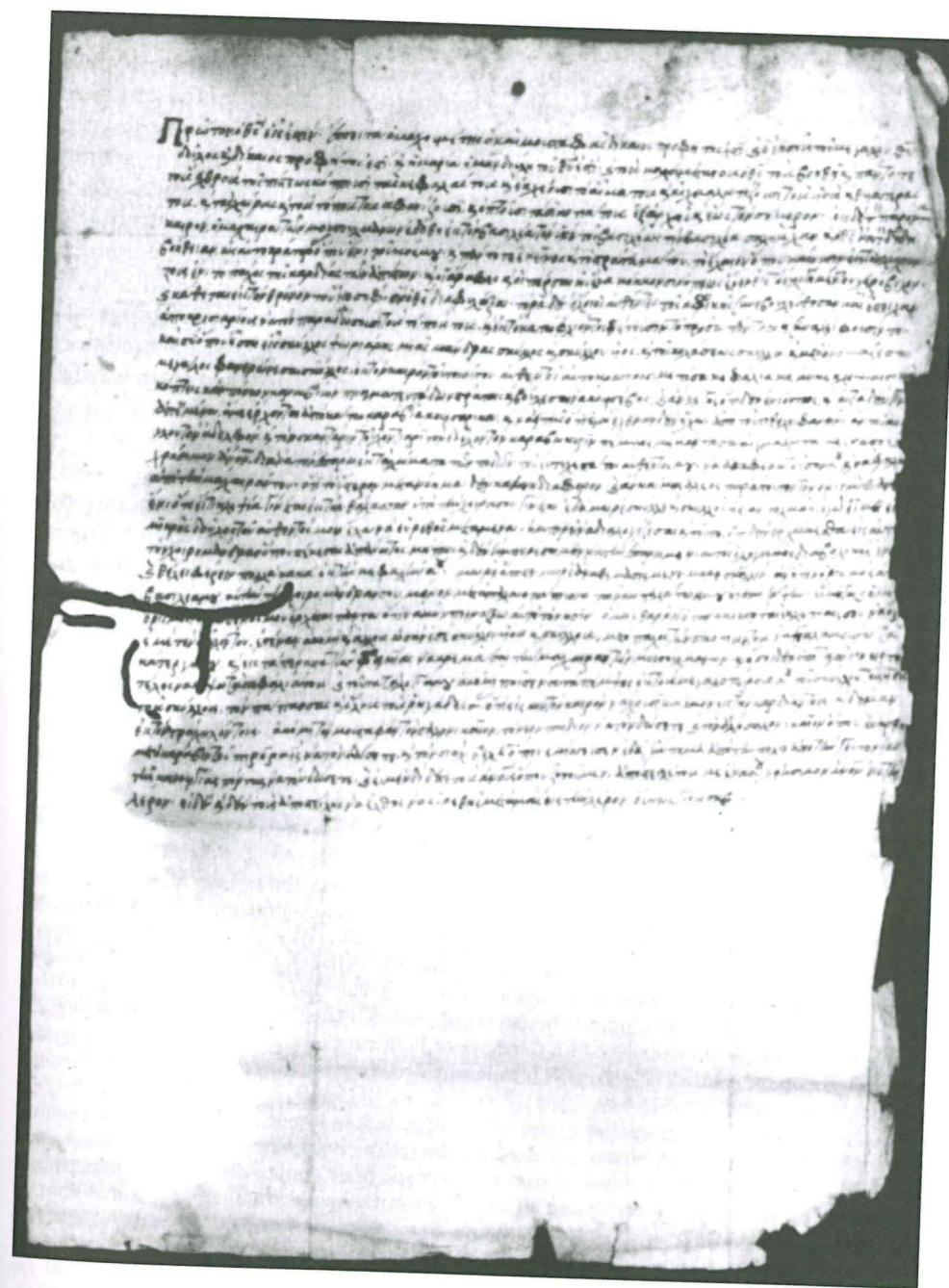
² A propósito da escrita humanista cf. A. H. de Oliveira Marques, «Paleografia», in Joel Serrão, *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, Porto, Livraria Figueirinhas, s.d., pp. 532-533 e Elisa Ruiz García, «La escritura humanística y los tipos gráficos derivados», in Ángel Riesco Terrero, *Introducción a la Paleografía y la Diplomática General*, Madrid, Editorial Síntesis, 2000, pp. 149-176.

³ O sentido desta nota, estando no verso de uma carta registada em caracteres gregos, parece-me um tanto ou quanto obscuro. A única forma de lhe conferir inteligibilidade passa por considerar uma de duas soluções: ou quem a lavrou não reconheceu os referidos caracteres ou a missiva a que se refere vinha acompanhada de uma tradução em latim, entretanto perdida.

⁴ Cf. Ruiz García, *op. cit.*, pp. 171-172.



A.N./T.T., Núcleo Antigo, Fragmentos, Caixa 2, maço 2, n.º 76 (verso).



A.N./T.T., Núcleo Antigo, Fragmentos, Caixa 2, maço 2, n.º 76 (recto).

del capitanno dé la grandé armata turchesca translatata in greco». Tratava-se então de uma cópia de uma carta de um capitão turco, e mais, uma carta de um capitão turco, em caracteres gregos!

Afastada a possibilidade, concebida como pouco plausível, de se tratar de um qualquer exercício pueril – dado saber-se que a chancelaria otomana produziu documentos em grego ou fez acompanhar documentos em turco de transcrições utilizando esses caracteres e sendo ainda notório que o grego funcionou como língua diplomática no Mediterrâneo Oriental –, o facto de se tratar de uma carta de um capitão turco, em caracteres gregos, não só definia, implicitamente, a possibilidade de o destinatário ou os destinatários do referido texto serem cristãos como também, de algum modo, lhe conferia autenticidade⁵.

A partir desse momento, perante um tão limitado mas sugestivo conjunto de dados, fui acometido por um turbilhão de interrogações: Estaria esta carta escrita em língua grega? Quem, mais precisamente, a teria escrito? Em que contexto? Qual o seu destinatário?

Como é evidente, o caminho a percorrer para dar resposta às interrogações colocadas anteriormente, corroborando ou desmentindo a escassa informação proporcionada pelas notas no verso deste documento⁶, passava pela sua análise e, eventualmente, pela sua tradução. Confirmado que se tratava de um texto em grego, esta última tarefa – que eu próprio não poderia transpor – foi desenvolvida por Vassilikí Krávári, responsável pela edição diplomática e crítica, complementada por Luís Filipe Thomaz, autor da tradução para português.

Se, na sequência da sua tradução, se seguiu algum desapontamento – o documento era omissivo no que diz respeito a qualquer assinatura ou selo, não constava nele qualquer referência clara, nem ao seu autor nem ao seu

⁵ Sobre a utilização da língua ou dos caracteres gregos pela chancelaria otomana, nomeadamente nos documentos de natureza diplomática, vide J. Reychmann, e A. Zajackowski, «Diplomatic», in C. E. Bosworth, E. van Doncel, H. A. R. Gibb, W. P. Heinrichs, J. H. Kramers, G. Lecomte, E. Lévi-Provençal, B. Lewis, V. L. Menaje, Ch. Pellat, J. Schacht, *The Encyclopaedia of Islam: CD-Rom Edition* [a partir de agora citado *E.I.*], Vol. II, Leida, Brill, 1999, pp. 301b e ss.; Hans Theunissen, «Ottoman-Venetian Diplomatics: The 'Ahd-Names. The Historical Background and the Development of a Category of Political-Commercial Instruments together with an annotated edition of a Corpus of relevant documents», *Electronic Journal of Oriental Studies*, I, n.º 2, 1998, pp. 328-329.

⁶ A propósito de uma análise externa deste documento, impõe-se referir, não foi possível encontrar, entre os recursos bibliográficos utilizados, elementos que permitam identificar a sua marca-de-água. Não obstante constituída por um crescente de pontas viradas para cima, sobrepujado por uma estrela de seis pontas, por sua vez inserido numa circunferência com 40mm de diâmetro colocada a 130mm do topo e a 100mm da margem direita, esta marca-de-água revela algumas semelhanças com outras do século XV cf. C. M. Briquet, *Dictionnaire Historique des marques du papier des leur apparition vers 1282 jusqu'en 1600 avec 39 figures dans le texte et 16, 112 fac-similés de filigranes*, Tome Deuxième, Deuxième édition, Leipzig, 1923, n.º 5214, 5345, 5346 e 5347.

destinatário e, finalmente, não estava datado –, uma análise mais atenta do seu conteúdo, como veremos a seguir, viria a dar resposta a algumas interrogações⁷.

Em primeiro lugar, e no que respeita à identificação do seu autor, o protocolo inicial, reproduzindo a profissão de fé islâmica – «Primeiro, Deus é um [só], e depois Mafamede, dito também Mustafá, é um justo profeta»⁸ – sugere, de uma forma clara, que esta carta foi escrita por um muçulmano. Mas, para além da referida profissão de fé, ao longo de todo o texto são comuns as expressões exaltando a fé islâmica – «aos maometanos ajuda-os Deus» –, as metáforas – «os Árabes e os Persas como um grão de mostarda estão na concha da sua bendita mão»⁹ – e os insultos – «Infiel imbecil, maldito imbecil, cão imbecil, se houvesse uma ordem da parte de meu rei, essa tua pocilga, enchê-la-ia com os sapatos velhos de meus remeiros»¹⁰ –, os quais só adquirem pleno sentido sendo produzidos num contexto islâmico, o que revela, sem margem para dúvidas, que este texto foi produzido por um muçulmano.

A isto poderemos ainda acrescentar, esclarecendo mais alguma coisa sobre o seu autor, que se tratava de «um pequeno servidor» de alguém a quem ele próprio se refere, numa passagem particularmente elucidativa, dizendo – «No tempo presente, porém, o cutelo dos muçulmanos foi dado ao rei filho do rei, el-rei Selim Cã; e que Deus lhe dê ajuda, como imperador que é do mundo». Este «imperador» trata-se, evidentemente, quer pelo nome quer pela forma de tratamento que lhe é dado, de um sultão otomano¹¹. Sendo portanto o autor desta carta um «pequeno servidor» da *Sublime Porta*, como a servia ele? O texto é igualmente claro. Para além das referências constantes ao cenário marítimo em que se desenrolaram as acções que, na perspectiva de quem o escreveu, justificam implicitamente as suas terríveis ameaças, o autor faz referência, de forma explícita, às «minhas galeras» e aos «meus remeiros». Em suma, podemos concluir que o autor desta carta foi um muçulmano, capitão de uma armada ao serviço de um sultão otomano.

Antes de voltarmos a um reconhecimento mais preciso do autor desta carta, vejamos agora o que este documento nos diz sobre o seu destina-

⁷ Cf. em anexo edição diplomática, edição crítica e tradução.

⁸ Cf. D. Gimaret, «*Shahada*», in *E.I.*, Vol. IX, p. 201a.

⁹ A propósito do uso metafórico do grão de mostarda, tal como no *Novo Testamento*, expressão de ínfima quantidade ou valor, cf. *Le Coran*, trad. e notas de Albin de Biberstein Kazimirski, Paris, Editions Garnier Frères, 1981, XXI-48 e XXXI-15.

¹⁰ Sobre o porco e o cão como animais impuros e ainda sobre a utilização de expressões associadas a estes como epítetos aviltantes para os cristãos vide F. Vire, «*Kırd*», in *E.I.*, vol. V, pp. 131a e ss.; F. Vire, «*Kalb*», in *E.I.*, vol. IV, 489b e ss.; F. Vire, «*Khuzr*», in *E.I.*, vol. V, pp. 7b e ss.

¹¹ Cf. J. H. Kramers, «*Sultān*», in *E.I.*, vol. IX, pp. 849a e ss.; J. A. Boyle, «*Khākān*», in *E.I.*, vol. IV, pp. 915a e ss.; B. Lewis, «*Khādīm al-Ḥaramayn*», in *E.I.*, vol. IV, pp. 899b e ss.

tário. Em primeiro lugar, não deixa de ser interessante verificar que, na sequência da profissão de fé, logo no início, seja enunciado «e Jesus, servo do Grande [Deus], também é justo profeta, e Maria, a [sua] Mãe, é serva de Deus». Na verdade, trata-se de uma passagem particularmente elucidativa, porque sendo dispensável num texto dirigido a qualquer muçulmano – reafirmando a ortodoxia doutrinária islâmica¹² e, por isso, confirmando uma vez mais que esta carta foi escrita por um muçulmano –, constitui um indício claro de que se dirige a um cristão. Em segundo lugar, numa outra passagem, o mesmo capitão turco, dirigindo-se ao seu interlocutor, acrescenta – «E estas minhas palavras faz por mandá-las aos teus superiores, os cães filhos do cão, o vosso papa e todos os vossos reis, que em tempo breve terão mágoa em seus corações e corda para o seu pescoço». Ou seja, podemos daí extrair, o destinatário desta carta era, indubitavelmente, não só cristão mas, mais precisamente, cristão de obediência romana.

Ainda a propósito de uma identificação do destinatário desta mensagem, circunscrevendo as opções disponíveis, igualmente elucidativa é a proposta por parte do referido capitão turco, para que o ponto de encontro com o seu émulo, para o que desse e viesse, fosse a ilha de Leros. Efectivamente esta referência geográfica é particularmente sugestiva porque esta ilha do Dodecaneso não só fez parte dos domínios de uma ordem militar e religiosa mas também porque, jazendo nos limites fronteiriços do seu território, constituía um espaço claramente ajustado – como é o caso – ao encontro ou confronto entre essa ordem militar e o seu poderoso vizinho turco¹³.

Se, para além de tudo isto, considerarmos ainda três outras passagens desta carta, mais ou menos obscuras em abstracto mas assumindo particular significado no contexto que já podemos adivinhar, tudo parece fazer sentido. Numa primeira passagem, afirmando a dado momento «se nem a grande ordem de meu senhor vier, sempre para que eu não incomode essa ilha», o seu autor revela que esta mensagem se dirige a alguém que detém o domínio de uma ilha e, ao mesmo tempo, confessando que o seu «senhor» terá dado ordem para que a referida ilha não fosse molestada, também sugere a existência de um qualquer tipo de pacto, definindo um *modus vivendi* entre a *Porta* e esse seu interlocutor. Na segunda passagem, vaga mas profundamente esclarecedora, ao acrescentar: «É possível que penses também nisto: que se não vamos a essa pocilga em que estás aí em cima é [receando] que acaso a não possamos tomar» o referido capitão dá conta da natureza do

¹² A propósito do significado de Jesus e de Maria no seio do Islão e, em particular, da fórmula expressa nesta carta vide *Le Coran*, II-81, II-130, II-254, III-37-48, IV-155-158, IV-160, IV-169-170, V-19, V-50, V-76-79; G. C. Anawati, «'Īsā», in *E.I.*, vol. IV, pp. 81 a e ss.; A. J. Wensinck, e Penelope Johnstone, «Maryam», in *E.I.*, vol. VI, 628b e ss.

¹³ Cf. Nicolas Vatin, *Rhodes et l'Ordre de Saint-Jean-de-Jérusalem* («Patrimoine de la Méditerranée»), Paris, CNRS Éditions, 2000, pp. 13-15.

refúgio do seu adversário, uma poderosa fortaleza, uma tão poderosa fortaleza que poderia ser concebida pelos seus defensores como inexpugnável. Finalmente, no meio de uma outra passagem, singularmente insultuosa, ao afirmar «E tu, que és um cão sarnento dum redil, cão e filho de cão, cão da danação, e denominas-te grande e mostras-te cão em tempo de um tal senhor», o autor revela mais alguma coisa sobre aquele que é objecto dos seus insultos. Tratar-se-ia de alguém que se intitulava «grande» ou, por outras palavras, grão. Por tudo o que foi dito, podemos concluir, portanto, que o destinatário desta carta não pode ser outro senão um grão-mestre da ordem militar e religiosa que fez de Rodes a sua sede, ou seja, da ordem de São João de Jerusalém ou do Hospital¹⁴.

Já vimos que esta carta terá sido escrita por um capitão ao serviço de um sultão otomano e que se destinava a um grão-mestre da ordem de São João de Jerusalém, em Rodes. Vejamos seguidamente – e contribuindo também para uma melhor identificação do autor desta carta e do seu destinatário – o que podemos concluir sobre o momento em que foi escrita. Em primeiro lugar, sabendo que esta carta se dirige a um grão-mestre da ordem de São João de Jerusalém e que esta ordem militar fez de Rodes a sua sede desde 1306 até 1523, podemos concluir, obviamente, que este texto é anterior a esta última data. Em segundo lugar, como já o dissemos anteriormente, esta carta foi escrita ao tempo de um sultão otomano cujo nome é mencionado no texto, Selim. Sabendo que Selim I foi senhor do império otomano entre 24 de Abril de 1512 e 21 de Setembro de 1520 e que o segundo soberano deste nome nasceu a 30 de Maio de 1524, podemos afirmar que esta carta, sendo anterior a 1523, foi indubitavelmente produzida sob o governo de Selim I, ou seja, entre 1512 e 1520¹⁵.

Finalmente, pretendendo delimitar de uma forma mais precisa o contexto cronológico em que foi produzido este texto, uma outra passagem nos surge como particularmente reveladora. Refiro-me ao momento em que o autor, exaltando o seu senhor, Selim I, afirma – «e senta-se no trono de José, a quem Deus guarde.» Na verdade, referindo-se a Selim I como senhor do trono de José, isto é, do Egipto¹⁶, o autor deixa perceber que a sua carta não pode ter sido escrita em data anterior a 22 de Janeiro de 1517, ou seja, quando se tornou claro, na sequência da batalha de *al-Raydaniyya*, que a vitória otomana sobre os mamelucos já não tinha regresso¹⁷. Sendo assim,

¹⁴ Cf. Vatin, *op. cit.*, pp. 10-13 e p. 107.

¹⁵ Cf. Hahı İnalçık, *Selim I*, in *E.I.*, Vol. IX, pp. 127a e ss.; Christine Woodhead, «*Selim I*», in *E.I.*, Vol. IX, pp. 131b e ss.

¹⁶ Esta é uma fórmula que, conferindo um lugar de grande relevo a José do Egipto, distinguindo-se da versão bíblica, surge indissociável da tradição islâmica cf. *Le Coran*, XII e, em particular, XII-100-101.

¹⁷ A propósito da conquista do Egipto pelos otomanos e do significado da batalha de *al-Raydaniyya* vide P. M. Holt, «*Mamlüks*», in *E.I.*, VI, 321a e ss.; V. Haarmann, «*Mısır*», in *E.I.*,

circunscritos os limites cronológicos em que esta mensagem pode ter sido produzida – em data posterior a 22 de Janeiro de 1517 e anterior a 21 de Setembro de 1520 – e sabendo nós dirigir-se a um grão-mestre da ordem de São João de Jerusalém, podemos já identificar o seu destinatário, só pode tratar-se de Fra Fabrizio del Carretto¹⁸.

Em suma, uma análise desta carta tornou possível, por um lado, identificar o seu destinatário e, por outro lado, circunscrever, ainda que de um modo menos preciso, as opções que definem o seu autor e o contexto cronológico em que foi produzida. Neste momento, exauridas as possibilidades de utilização deste documento para esclarecer, de uma forma definitiva, estas últimas questões – e a esse propósito recorro o expressivo aforisma *Dare nemo potest quod non habet, neque plusquam habet* – resta-me, para dar satisfação a esse intento, a possibilidade de explorar alguma bibliografia, designadamente, aquela que se refere à presença da ordem de São João de Jerusalém em Rodes¹⁹.

Efectivamente, a utilização de alguns desses recursos bibliográficos revelou-se particularmente importante não só, como seria previsível, para elucidar alguma coisa sobre o contexto histórico em que se desenrolaram os acontecimentos a que o texto faz menção mas, mais concretamente, para esclarecer as questões enunciadas anteriormente ou apontar pistas nesse sentido. Neste sentido, como veremos a seguir, assumiu lugar de destaque a obra incontornável de Nicolas Vatin, *L'Ordre de Saint-Jean-de-Jérusalem, l'Empire ottoman et la Méditerranée orientale entre les deux sièges de Rhodes (1480-1522)*²⁰.

Num outro contexto de análise, nomeadamente a propósito da posição da ordem de São João de Jerusalém e da percepção por parte desta da fragilidade dessa posição face às alterações que se produziam no cenário geopolítico do Mediterrâneo Oriental – consubstanciadas na destruição do império mameluco e na ascensão do império otomano ao lugar de potência dominante nessa região –, Nicolas Vatin refere-se a um curioso episódio

vol. VII, 146 a e ss.; İnalcık, *loc. cit.*; Stanford Shaw, *History of the Ottoman Empire and Modern Turkey*, Cambridge, Cambridge University Press, repr. 1991, vol. I, pp. 83-85.

¹⁸ Cf. Gottardo Bottarelli, e M. Monterisi, *Storia Politica e Militare del Sovrano Ordine di S. Giovanni di Gerusalemme detto di Malta*, Milão, Fratelli Bocca Editori, s.d., vol. II, p. 270.

¹⁹ Entre os recursos bibliográficos utilizados podemos distinguir as seguintes obras: Giacomo Bosio, *Dell'Istoria della sacra religione et ill.ma militia di San Giovanni Gerosolomitano*, Roma, Guglielmo Faccioto, 1594-1602, 3 vols.; Bottarelli, *op. cit.*, 2 vols.; Eric Brockman, *The Two sieges of Rhodes: The Knights of St. John at War (1480-1522)*, Nova Iorque, Barnes & Noble, 1995; Juan Agustin de Funes, *Coronica de la ilustrissima milicia y sagrada religion de San Juan Bautista de Jerusalem*, Valencia, Miguel Sorolla, 1626-1639, 2 vols.; A. Sutherland, *The Knights of Malta*, Edimburgo, 1830; R. A. Vertot, *Histoire des chevaliers hospitaliers de S. Jean de Jerusalem*, Paris, Rollin, 1726, 4 vols.

²⁰ Nicolas Vatin, *L'Ordre de Saint-Jean-de-Jérusalem, l'Empire ottoman et la Méditerranée orientale entre les deux sièges de Rhodes (1480-1522)*, Lovaina-Paris, Éditions Peeters, 1994.

que ocorreu na Primavera de 1517. Diz-nos o autor que, no contexto da campanha conduzida por Selim I no Egipto, aproximando-se de Rodes uma poderosa armada turca que de Constantinopla se dirigia para Alexandria, o almirante turco que assumia o comando dessa armada enviou uma mensagem ao grão-mestre dos Hospitalários²¹. Logo a seguir, referindo-se a esta carta, o autor acrescenta: «... une lettre de menace dont Sanudo fournit une "copie". On peut douter que ce texte insultant et d'une rare violence constitue une traduction fidèle de l'original. Mais l'esprit, sinon la lettre, a dû être à peu près préservé: parlant en son propre non (et non en celui du Sultan), Ca'fer Ağa²² reprochait au Grand-Maître la piraterie qu'il pratiquait ou protégeait, exigeait en signe de bonne volonté la libération d'un certain nombre de prisonniers, et annonçait d'inquiétants projets.»²³

Como é óbvio, a descrição da carta aduzida por este autor, ainda que um tanto ou quanto concisa, ajusta-se claramente ao conteúdo daquela que agora é objecto de análise. Outrossim, o mesmo autor, em nota de rodapé, ao apresentar algumas breves linhas da carta recolhida por Sanuto, acrescentaria a essa coincidência a revelação de uma notável semelhança entre estes dois textos que dificilmente poderia ser expressão do simples acaso²⁴. Impunha-se, portanto, verificar a aludida similitude, trazendo à colação o documento que nos ocupa e a referida carta, intitulada *Copia di la letera dil Capitano di l'armata turchesca, scritta al Gran Maestro di Rodi* e recolhida nos *Diarii* de Marino Sanuto²⁵. Tal tarefa, com efeito, viria a revelar de forma inequívoca – e não obstante um dos objectos da colação ter sido sujeito às inevitáveis interferências de um processo de tradução – que estes dois textos eram, nem mais nem menos, duas versões da mesma carta²⁶. Aliás, o mesmo é corroborado por uma outra carta recolhida por Marino Sanuto que podemos encontrar junto da primeira e cujo conteúdo é profundamente esclarecedor. Trata-se, esta segunda carta, de uma missiva de Fra Fabrizio del Carretto para o Papa Leão X, enviada de Rodes com data de 29 de Maio de 1517, que se debruça sobre a grave ameaça que se abatia sobre os Hospitalários, fazendo apelo ao socorro da Cristandade. Nela, a propósito da presença de uma poderosa armada turca nas proximidades de Rodes, o referido grão-mestre afirma: «cujus praefectus, qui eunucus est natione bossinus, statim litteras per suum nuntium ad me misit, quas Vestrae Sanctitati destino una cum translationibus greca et italica lingua, ut cognos-

²¹ Vatin, *op. cit.*, p. 324.

²² *Dja'far Ağa*. A discrepância na forma como este nome aparece registado resulta da adopção de diferentes critérios de transcrição que, no caso deste texto, distinguindo-se de Nicolas Vatin, segue a *E.I.*

²³ *Ibidem*.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ Marino Sanuto, *I Diarii*, ed. por Rinaldo Fulin, Frederico Stefani, Nicolò Barozza, Guglielmo Berchet e Marco Allegri, tomo XXIV, Veneza, Marco Visentini, 1889, col. 440-441.

²⁶ Cf. em anexo a versão de Sanuto.

cat quot hujus barbarae nationis saevum et insolens ingenium equo nomine omnes christianos taxet, et quantum ipsos existimet et quid contra eos machinetur;»²⁷. Desta passagem podemos portanto concluir, sem grande margem para dúvidas, que o texto que nos ocupa – identificado numa pequena nota a que já fizemos alusão como «Copia dé la letera del capitanno dé la grandé armata turchesca translata in greco» – não é, de facto, outra coisa senão a versão grega daquele que podemos encontrar nos *Diarii* de Marino Sanuto acompanhando uma carta do grão-mestre da ordem de São João de Jerusalém.

Voltando à questão do reconhecimento do autor e do contexto cronológico em que foi produzida a carta em análise, podemos agora constatar que estamos muito próximo de cumprir o nosso desígnio. Se é verdade que a versão italiana desta carta, apresentada por Sanuto, nada traz de novo no que diz respeito à definição da respectiva autoria e data, junto dela – como já referi – encontra-se uma outra carta de Fra Fabrizio del Carretto para Leão X, esta profundamente elucidativa. Aliás, é exactamente com base nesta epístola e num conhecimento do respectivo contexto histórico que Nicolas Vatin²⁸, corroborado por Jean-Louis Bacqué-Grammont²⁹, assume como inquestionável que se trata de alguém a quem Sanuto, noutra passagem dos seus *Diarii*, se refere como «Zafir aga, eunuco», ou seja, *Dja'far Agha*³⁰. Mas, quem era *Dja'far Agha*? Na verdade era, nem mais nem menos, um eunuco oriundo de Malvasia, no Peloponeso, que desempenharia, algum tempo antes dos acontecimentos que nos ocupam, uma das mais elevadas funções no serralho – *kapu aghasi* –, uma dignidade que, no princípio do século XVI, não só tinha um estatuto comparável ao do grão-vizir como lhe disputava o poder³¹. No contexto dos preparativos que antecederam a campanha lançada por Selim I contra os mamelucos, a 26 de Abril de 1516³², este eunuco, assumindo a direcção superior de todas as forças navais turcas, expressa no título de *re'is kapudan*³³ e adstrita à qual se encontrava a dignidade de *sandjakbegi* de Gelibolu – donde *Dja'far Agha* também surge identificado como *Dja'far Kapudan* ou *Dja'far Beg*³⁴ – foi incumbido da importante tarefa de construir uma armada³⁵. No ano seguinte, a 30 de

²⁷ Sanuto, *op. cit.*, col. 437.

²⁸ Vatin, *op. cit.*, p. 324.

²⁹ Jean-Louis Bacqué-Grammont, «Soutien logistique et presence navale ottomane en Méditerranée en 1517», *Revue de l'occident musulman et de la Méditerranée*, 39, 1985, pp. 7-34.

³⁰ Cf. Parry, V. J., «*Dja'far Beg*», in *E.I.*, Vol. II, p. 373b.

³¹ Cf. Bacqué-Grammont, *op. cit.*, p. 12 e Halil İnalcik, «*Kapu Aghasi*», in *E.I.*, Vol. IV, p. 570 b.

³² Cf. Bacqué-Grammont, *loc. cit.*

³³ A propósito do título ostentado por *Dja'far* e de uma caracterização do referido múnus vide o rigoroso artigo de Salih Özbaran, «*Kapudan Pasha*», in *E.I.*, vol. IV, p. 571b.

³⁴ Cf. Özbaran, *loc. cit.*, e Parry, *loc. cit.*

³⁵ Cf. Bacqué-Grammont, *op. cit.*, pp. 11-12.

Março de 1517, respondendo a instruções enviadas do Egipto, para onde se deveria dirigir para fazer o reabastecimento do exército otomano, *Dja'far Kapudan* partia de Istambul comandando uma magnífica força naval, constituída por mais de 100 navios³⁶. A caminho de Alexandria, onde chegaria em finais de Maio de 1517³⁷ – juntando-se a uma outra armada significativamente mais pequena que a precedera, esta sob o comando do célebre corsário *Çurdoğlu*³⁸ – aproximou-se dos domínios da ordem de São João de Jerusalém.

Se com base nos dados que acabámos de referir fosse possível ainda sustentar alguma desconfiança em relação à identificação da autoria desta carta, uma leitura da antedita epístola de Fra Fabrizio del Carretto (junto da qual, recorde, chegou a Roma esta missiva) onde se afirma que a poderosa armada, à frente da qual se encontrava o autor desta carta, chegou a Quios no dia 13 de Abril e passou ao largo de Rodes no dia 6 de Maio³⁹, não deixa, de facto, qualquer margem para dúvidas. Aliás, convirá ainda acrescentar, tanto a arrogância quanto a extrema violência desta missiva – a pretexto da acção nefasta desenvolvida pela ordem de São João de Jerusalém sobre os interesses otomanos – só se tornam verdadeiramente compreensíveis se soubermos tratar-se de um texto produzido por alguém cujo perfil lhe valeu o epíteto de *Çanlı* – «sanguinário»⁴⁰ – e, neste contexto preciso, de alguém que tem uma clara consciência da indiscutível superioridade das suas forças navais, ou seja, o mencionado *Dja'far Kapudan*.

Por último, no que diz respeito ao local e ao momento em que foi escrita, nada mais é possível fazer do que admitir como razoáveis algumas suposições ditadas por aquilo que a carta nos diz e pelo conhecimento das circunstâncias em que foi produzida. Em primeiro lugar, foi elaborada a bordo do navio almirante, algures nas cercanias de Leros, já que, como é óbvio, seria completamente absurdo aprazar um ponto de encontro que obrigasse a uma inversão do rumo de uma tão grande armada, ainda para mais quando a sua principal missão tornava premente a presença no Egipto. Em segundo lugar, o que decorre da asserção anterior, foi certamente escrita depois de 13 de Abril e algum tempo antes de 6 de Maio. Se salvaguardarmos ainda a demora necessária para que a carta chegasse ao seu destino, o tempo para que fosse ponderada e enviada uma resposta e, finalmente, deduzindo a delonga que seria exigida para a armada percorrer a distância que separa Leros de Rodes, parece razoável considerar que a carta tenha sido elaborada nos dias que se seguiram a 13 de Abril.

Sintetizando, temos então que esta carta foi enviada por *Dja'far Kapudan* para o grão-mestre da ordem de São João de Jerusalém, das proxi-

³⁶ Cf. Bacqué-Grammont, *op. cit.*, pp. 7-34.

³⁷ Cf. Bacqué-Grammont, *op. cit.*, p. 23 e p. 34.

³⁸ Cf. Bacqué-Grammont, *op. cit.*, pp. 19-23 e p. 34.

³⁹ Cf. Sanuto, *op. cit.*, col. 437-438.

⁴⁰ Cf. Bacqué-Grammont, *op. cit.*, p. 11 e p. 26.

midades de Leros, numa data próxima de 13 de Abril de 1517. Analisemos agora uma nova questão. Qual terá sido a resposta de Fra Fabrizio del Carretto a esta missiva? Sobre este assunto Nicolas Vatin diz-nos o seguinte: «Quoiqu'on ignore la suite qu'il donna à la missive de Ca'fer Ağa, on peut penser qu'il en tint compte, puisque le mois de septembre 1517 vit le renouvellement de la trêve, ainsi qu'un amical échange de politesses à l'occasion du passage de la flotte ottomane regagnant Istanbul.»⁴¹ Efectivamente, se é verdade que, tal como Nicolas Vatin, desconheço qual terá sido o teor da resposta, alguns dados possibilitam-me antever a hipótese de que ela não foi formalizada e, por outro lado, conjecturar uma outra intenção subjacente a esta insólita carta. Assim, ao contrário de Nicolas Vatin, posso começar por asseverar que pelo menos uma das exigências de *Dja'far Kapudan*, talvez a mais importante, não foi satisfeita. Refiro-me mais concretamente – e recordando aquilo que a carta nos diz – à exigência da restituição de um irmão de *Qurdoghlu*, cativo em Rodes. De facto, estranho seria que este irmão do renomado corsário, cujo nome se desconhece, não fosse o mesmo que se encontrava em Rodes no momento em que o recém-eleito grão-mestre Fra Philippe Villiers de l'Isle Adam fez a viagem que o havia de levar até essa ilha e que, mais tarde, ainda na condição de cativo, é dado como morto por ocasião do cerco que pôs fim à presença dos cavaleiros em Rodes⁴². Poder-se-ia dizer que, apesar de tudo, nada impede que tenha sido dada satisfação parcial às exigências de *Dja'far Kapudan*. Na minha perspectiva, contudo, quer as circunstâncias em que foi produzida a carta quer a sua natureza não favoreciam qualquer tipo de negociação, apontando apenas para uma de duas soluções, a cedência ou a recusa. Nesta linha, o incumprimento de uma das exigências parece querer significar o incumprimento de todas.

Mas então, repito, qual foi a resposta de Fra Fabrizio del Carretto a esta missiva? Atrevo-me a dizer, não houve qualquer resposta formal, houve antes uma resposta por omissão. Sendo assim, qual o significado da renovação das tréguas e das manifestações de cortesia por ocasião do regresso desta armada sob o comando de *Dja'far Kapudan*? A este propósito parece-me mais razoável conjecturar que a explicação para a renovação das tréguas e para as demonstrações de regozijo acima apontadas reside não no conteúdo desta carta – e na satisfação ou não das exigências nela expressas – mas nas alterações verificadas num contexto histórico que se desenrola entre Abril e Setembro de 1517. De facto, é oportuno salientar que esta carta e as movimentações da armada turca nas águas da ordem de São João de Jerusalém, em Abril e Maio de 1517, ocorreram no momento em que uma forte concentração de forças otomanas no Egipto completava a destruição do império mameluco. Ora, para o bom sucesso desse projecto impunha-se garantir a

⁴¹ Vatin, *op. cit.*, p. 325.

⁴² Cf. Bottarelli, *op. cit.*, vol. I, pp. 303-304 e p. 331; Michael Galea, *Grandmaster Philippe Villiers de l'Isle Adam*, San Gwann (Malta), Publishers Enterprises Group Ltd., 1997, p. 17.

segurança na retaguarda, preservar de interferências nocivas a ligação entre Istambul e Alexandria e, finalmente, inibir qualquer tipo de apoio da Ordem a alguma resistência dos mamelucos⁴³. Por outro lado, não parece aceitável uma tão longa demora da armada turca nas águas do Dodecaneso, à margem dos desígnios de Selim I, por vontade única e exclusiva do seu comandante, quando a sua missão impunha alguma celeridade na viagem. É portanto possível concluir que esta poderosa armada fora incumbida de uma outra tarefa, a de executar uma manobra de intimidação, a qual, concluída a ocupação do Egipto e a julgar pela renovação das tréguas e pelas manifestações de cortesia, cumpriu o seu objectivo. Como é evidente, neste contexto, nada obsta a que, executando essa manobra de intimidação, *Dja'far Kapudan* não pudesse interpretá-la à sua maneira, juntando-lhe um conjunto de exigências muito concretas, aquelas que encontramos definidas na referida missiva, e dando voz à animosidade de alguns sectores políticos otomanos que entendiam inadiável a conquista de Rodes⁴⁴. Em suma, como se deduz do que foi dito, tratando-se de uma manifestação do estrito arbítrio de *Dja'far*, é natural que a satisfação ou a recusa das referidas exigências não tivesse qualquer interferência nas mostras de cortesia e na renovação das tréguas que sobreveio no momento em que esta armada regressava a Istambul, em Setembro de 1517.

Por fim, coloca-se uma última questão. Qual a pertinência da edição de tal texto quando, no final de um longo caminho percorrido, se constata que o seu conteúdo já era conhecido? A verdade é que no momento em que se verificou que assim era, recorrendo ao prestimoso trabalho de Nicolas Vatin, também se apurou que existiam sérias dúvidas sobre a rigorosa autenticidade daquilo que era a única versão conhecida até então⁴⁵. Agora, corroborada a existência de uma versão em grego⁴⁶ e sendo possível observar as notáveis semelhanças entre a versão italiana e esta – não obstante as inevitáveis interferências do processo de tradução a que foi sujeito o texto grego – a autenticidade deste documento, tanto no conteúdo como na forma, surge definitivamente reforçada.

Dito isto, algo que a meus olhos surge uma incongruência permanece ainda por esclarecer. Se é certo que aquilo que Fra Fabrizio del Carretto nos diz na sua já referida epístola para o Papa Leão X desmente, de uma forma categórica, a possibilidade que considere no início da carta de *Dja'far Kapudan* ter sido originalmente registada em grego⁴⁷, a prática seguida pela

⁴³ A propósito do apoio fornecido pelos cavaleiros de Rodes aos mamelucos, no contexto da luta contra os otomanos, e sobre rumores que circulavam sobre esse assunto *vide* Vatin, *op. cit.*, pp. 322-323 e p. 339.

⁴⁴ Vatin, *op. cit.*, pp. 329-342.

⁴⁵ Cf. *supra*.

⁴⁶ Cf. *supra*.

⁴⁷ Recorde-se que a carta do grão-mestre assinala claramente que junto do original enviava uma tradução em grego e outra em italiano. Cf. *supra*.

chancelaria otomana até ao princípio do século XVI de utilização do grego como língua diplomática ⁴⁸, a circunstância de esta missiva ter sido produzida por um eunuco de origem grega e, finalmente, o facto de a carta seguir para Roma onde o texto em italiano seria suficiente, tornam inexplicável a utilidade de um esforço de tradução, precisamente para grego.

ANEXO

⁴⁸ Cf. *supra*.

SINAIS CONVENCIONAIS

αβ	letras de leitura incerta.
.....	letras não decifradas ou diferentes (número exacto).
... ⁶ ..	letras não decifradas ou diferentes (número aproximado).
[αβ]	restituição
{αβ}	letras a eliminar.
<αβ>	letras omitidas pelo escriva, mas necessárias.
[[αβ]]	letras riscadas ou rasuradas pelo escriva.
(αβ)	resolução duma abreviatura.
/αβ/	adição na entrelinha.
//αβ//	adição à margem.
αβ	o texto continua na linha seguinte, mas não no princípio da linha.

Edição diplomática do texto grego *

Πρώτον ὁ Θεὸς εἰς ἐστίν, ἔπειτα ὁ Μαχουμέτης ὁ καὶ Μουσταφᾶς δίκαιος προφήτης ἐστὶ, (καὶ) ὁ Ἰησοῦς τοῦ μεγάλου ||² δοῦλος κ(αὶ) δίκαιος προφήτης ἐστὶ, κ(αὶ) ἡ Μαρία ἡ μ(ή)τηρ δούλη τοῦ Θεοῦ ἐστὶ, (καὶ) τοὺς μαχουμετάνους ὁ Θεὸς τοὺς βοηθῆ κ(αὶ) πάντοτε ||³ τοὺς ἐχθροὺς τῆς πίστεως κόπτουσι τὰς κεφαλὰς τοὺς κ(αὶ) ἐκχέουσι τὸ αἷμα τοὺς, κ(αὶ) α ἰχμαλωτίζουσι τοὺς υἱοὺς κ(αὶ) θυγατέρας[ς] ||⁴ τοὺς, κ(αὶ) τὰς χώρας κ(αὶ) τοὺς τόπους τοὺς ἀφανίζουσι, κ(αὶ) ὀπτοῦσι τὰ σικοτιὰ τοὺς ἐξ ἀρχῆς κ(αὶ) ἕως τὴν σήμερον. Εἰς δὲ τ(ὸν) παρόν[τα] ||⁵ καιρὸν ἡ μάχαιρα τῶν μουσουλμάνων ἐδόθη εἰς τὸν βασιλέα τὸν υἱὸν τοῦ βασιλέως τὸν βασιλέα Σαλήμ Χάν, κ(αὶ) ὁ Θεὸς νὰ τ(ὸν) δίδῃ ||⁶ βοήθειαν ὡς αὐτοκράτορας) ὅπου ἐνὶ τοῦ κόσμου, κ(αὶ) πάντοτε ἐκεῖνος κ(αὶ) τὸ στράτευμά του τὸ ἔλαιον ὅπου καίουσιν εἰς τὸν λύχρον ||⁷ τοὺς ἐνὶ τὸ πάχος τῆς καρδίας τῶν ἀπίστων· κ(αὶ) οἱ Ἄραβες κ(αὶ) οἱ Πέρσαι ὡς ἓνα κόκκον σινάπεως ἔθεν εἰς τὸ εὐλογημέν<ον> του χειροβόλου· ||⁸ (καὶ) κάθεται εἰς τὸν θρόνον τοῦ Ἰωσήφ, ὃν ὁ Θεὸς διαφυλάξαι. Τώρα δὲ ὅλοι οἱ αὐθέντες τῆς Ἀφρικῆς συνεβουλεύθησαν καὶ ἔστειλαν ||⁹ ἀποκρισιάρχους νὰ τὸν παραδώσουσι τοὺς τόπους τοὺς, κ(αὶ) εἰς τὸ κατώφλιόν του θέτουσιν τὸ πρόσωπόν τοὺς κ(αὶ) συναλείφουσίν το. ||¹⁰ Καὶ σὺ ὅπου ἦσαι εἰς σκύλλος ψωριάρης μιᾶς μάνδρας, σκύλλος κ(αὶ) σκύλλου υἱός, κ(αὶ) τῆς κολάσεως σκυλλίν, κ(αὶ) μετόνομάζεσαι ||¹¹ μεγάλος, φανερώνεσαι σκύλλος εἰς τὸν καιρὸν τοῦ τοιοῦτου αὐθεντὸς αὐτοκράτορος; Με πόσα κεφάλια κάμνης κλεψίαις κ[αὶ] ||¹² κόπτεις κὰν πόσων караβίων πραγματευτάδων στραταῖς κ(αὶ) βούλεσαι νὰ κουρσέβης; (Καὶ) ἂν λέγῃς ὅτι δὲν ἐνὶ οὕτως κ(αὶ) αὐτὰ δὲν γίν[η]; ||¹³ ἀπ' ἐμένα, ἄμε ἔρχονται ἀπὸ κάτω καράβια κουρσάρικα· κ(αὶ) νὰ εἰπῆς ὅτι ἐγὼ ἐχθραν δὲν ἔχω, ἀπὸ τοῦτο θέλει φανῆν· ἂν τοῦ Κο[υρτό]- ||¹⁴ γλου τὸν ἀδελφὸν κ(αὶ) τὸν Σκαντάριν τοῦ Χοντιάρι τὸν δοῦλον τὸν καραβωκύριν πέμψης μὲ κὰν πόσα αἰχμάλωτα μὲ ἓνα σου ||¹⁵ χρησίμον ἄν(θρωπ)ον διὰ νὰ τὸν ἐπάρω εἰς τὰ χῶματα τῶν ποδῶν τοῦ εὐτυχιστάτου αὐθεντός μου, νὰ ἀναφέρω τὸ ἴσον σου κ(αὶ) νὰ ἐγκλη[] ||¹⁶ ἀπὸ τὴν μάχαιράν του, ὅτι τὸ ὕστερον μετανόημα δὲν κάμνη διάφορον. (Καὶ) ἂν κάμης ἀλέος παρὰ τοῦτον τὸν ὀρισμ(όν), φανε[ρὸν] ||¹⁷ ἐνὶ ὅτι εἶ τι κλεψία γίνεται εἰς τὴν θάλασσαν

* Por Vassilikí Krávari.

ὑπὸ τὴν χεῖρα σου γίνεται. Ἐδὰ μωρὲ σκύλλε κ(αὶ) σκύλλου υἱέ, ἂν
 τολμᾶς, ἐγὼ εἶμε εἰς] ||¹⁸ μικρὸς δοῦλος τοῦ αὐθεντός μου, ἔλα νὰ
 εὐρεθῆς μεταμένα. Ἦμπορεῖ νὰ διαλογίζεσαι κ(αὶ) τοῦτο, ὅτι δὲν ἐρχώ-
 μεσθα εἰς αὐτ[ὴν] ||¹⁹ τὴν χοιρομάνδραν ὅπου στέκεσαι ἀπάνω τῆς μήπως
 κ(αὶ) δὲν ἤμπορέσωμεν νὰ τὴν ἐπάρωμεν· αὐτὸς ὁ λογισμὸς διαβολικὸς
 ἐν[ι] ||²⁰ (καὶ) θέλει φέρειν πολλὰ κακὰ εἰς τὴν κεφαλὴν σου. Μωρὲ
 ἄπιστε, μωρὲ ἀναθεματισμένε, μωρὲ σκυλλίν, ἂν ἦτον ὀρισμὸς ἀπ[ὸ τὸν]
 ||²¹ βασιλέα μου, αὐτὴν τῆ[ν] χοιρομάνδραν σου μόνον με τὰ παλαιο
 πάπουσσα τῶν κωπηλάτων μου ἐγέμιζά την, εἴ μηταῖ (καὶ) ὁ μέ[ν]
 ||²² ὀρισμὸς το[ῦ α]ὑθηντός μου ἔρχεται πάντα ὅτι νὰ μὴν πειράξω αὐτὸ
 τὸ νησίν. Ὅμως θαρῶ ὅταν ἀκούσῃ ταῖς κλεψίαις σου νὰ [] ||²³ ἐμὲ
 τὸν δ[ὲ] ο[ὐ]δὸν του ἐσέναν, ἀκόμι κ(αὶ) ἄλλους ὡσὰν ἐσὲ σκύλλου υἱοῦς
 κ(αὶ) σκύλλους, με τὸ πάχος τῶν σικοτίων τους νὰ παλαμῆσω τ[ᾶ] ||²⁴
 κάτεργα [μ]ου κ(αὶ) εἰς τὰ πέρασα τῆς Φραγκίας νὰ κρεμάσω τὴν
 μαχαιραν τῶν μουσουλμάνων, κ(αὶ) ὅσοι δὲν ὑποταγῶσιν εἰς ||²⁵ τέλος νὰ
 [κό]ψω τὰ κεφάλιά τους. (Καὶ) τοῦτα τὰ λόγια μου ἀκόμι ποῖσε νὰ τὰ
 πέμψης εἰς τοὺς μεγαλοτέρους σου τοῦ σκύλλου τοὺς υἱοῦς ||²⁶ τοὺς
 σκύλλους, τὸν πάπαν σας κ(αὶ) ὄλους τοὺς ῥηγάδες σ(ας), ὅτι εἰς κοντὸν
 καιρὸν νάχουσι καῖμὸν εἰς τὴν καρδίαν τους κ(αὶ) δέμ[α] ||²⁷ εἰς τὸν
 τράχηλόν τους. Ἀκόμι τὸν Μουσταφὰν τὸν Σαλονικαῖον τὸ νέον παιδίον
 νὰ τὸν δώσετε, (καὶ) τὸν Ἀλῆ Σαλονικαῖον ὅπου ἐπᾶ[γ]η ||²⁸ με τὸ
 καράβιν τοῦ Πιρῆ Ραῖς νὰ τὸν δώσετε, κ(αὶ) τὸν Σιάχ Βελῆ ὅπου ἐμί-
 σευσεν ἐδὰ σύντομα ἀπὸ τὴν Πόλιν ἀπὸ τὴν γειτονί[αν] ||²⁹ τῆς καινουρ-
 γίας πόρτας νὰ τὸν δώσετε. (Καὶ) εἰ μὲν δίδετε τοὺς ἀν(θρώπ)ους ὅπου
 ζητοῦμεν, ἀπόστειλέ τους με ἕνα σου χρήσιμον ἀν(θρώπ)ον εἰς ||³⁰ Λέρον·
 εἰ δὲ κ(αὶ) δὲν τοὺς ἀποστείλης, νὰ ἔλθης νὰ εὐρεθῆς μετὰ μὰς εἰς τὴν
 Λέρον. Οὕτως γίνωσκε.+

L. 4 lege σκώτια || l. 6, 7, 12, 17, 19 ἐνι: εἶναι (sing.) || l. 7 ἐνεν: εἶναι (pl.)
 || l. 10 εἶσαι || l. 13-14 Κο[υρτό]γλου: sec. trad. ital. || l. 14 κὰν πόσα: lege κάμ-
 ποσα || l. 15 ἐγκλη[]: fortasse ἐγκλητώσης (pro γλυτώσης) cf. trad. ital. || l. 16 lege
 ἀλλέως || l. 17 εἶμαι || l. 18 ἐρχόμεθα || l. 22 []: comple ὀρίση vel aliquid simile
 (cf. trad. ital.) || l. 23 παλαμῆσω: π- post corr. supra τ- || l. 24 pro πέρατα || l. 25 ποῖσε:
 lege ποίησε || l. 26 νάχουσι: νὰ ἔχουσι || l. 27 ἐπάγη: pro ὑπάγει.

Edição crítica do texto grego *

Πρῶτον ὁ Θεὸς εἰς ἐστίν, ἔπειτα ὁ Μαχουμέτης ὁ καὶ Μουσταφὰς
 δίκαιος προφήτης ἐστίν, καὶ ὁ Ἰησοῦς τοῦ μεγάλου δοῦλος καὶ δίκαιος
 προφήτης ἐστίν, καὶ ἡ Μαρία ἡ μήτηρ δούλη τοῦ Θεοῦ ἐστίν, καὶ τοὺς
 μαχουμετάνους ὁ Θεὸς τοὺς βοηθεῖ καὶ πάντοτε τοὺς ἐχθροὺς τῆς
 5 πίστεως κόπτουσι τὰς κεφαλὰς τους καὶ ἐκχέουσι τὸ αἷμα τους, καὶ αἰχ-
 ματίζουσι τοὺς υἱοὺς καὶ θυγατέρας τους, καὶ τὰς χῶρας καὶ τοὺς
 τόπους τους ἀφανίζουσι, καὶ ὅπουσι τὰ σκώτια τους ἐξ ἀρχῆς καὶ ἕως
 τὴν σήμερον. Εἰς δὲ τὸν παρόντα καιρὸν ἡ μάχαιρα τῶν μουσουλμάνων
 ἐδόθη εἰς τὸν βασιλέα τὸν υἱὸν τοῦ βασιλέως τὸν βασιλέα Σαλῆμ Χάν,
 10 καὶ ὁ Θεὸς νὰ τὸν δίδῃ βοήθειαν ὡς αὐτοκράτορας ὅπου ἐνὶ τοῦ κόσμου,
 καὶ πάντοτε ἐκεῖνος καὶ τὸ στράτευμά του τὸ ἔλαιον ὅπου καίουσιν εἰς
 τὸν λύχνον τους ἐνὶ τὸ πάχος τῆς καρδίας τῶν ἀπίστων· καὶ οἱ Ἄραβες
 καὶ οἱ Πέρσαι ὡς ἕνα κόκκον σινάπεως ἐνεν εἰς τὸ εὐλογημένον του
 χειρόβολον· καὶ κάθεται εἰς τὸν θρόνον τοῦ Ἰωσήφ, ὃν ὁ Θεὸς διαφυ-
 15 λάξει. Τώρα δὲ ὅλοι οἱ αὐθέντες τῆς Ἀφρικῆς συνεβουλεύθησαν καὶ
 ἔστειλαν ἀποκρισιαρίους νὰ τὸν παραδώσουσι τοὺς τόπους τους, καὶ εἰς
 τὸ κατώφλιόν του θέτουσιν τὸ πρόσωπόν τους καὶ συναλείφουσιν το. Καὶ
 σὺ ὅπου εἶσαι εἰς σκύλλος ψωριάρης μιᾶς μάνδρας, σκύλλος καὶ σκύλλου
 20 υἱός, καὶ τῆς κολάσεως σκυλλίν, καὶ μετονομάζεσαι μέγας, φανερώ-
 νουσαι σκύλλος εἰς τὸν καιρὸν τοῦ τοιοῦτου αὐθεντός αὐτοκράτορος; Μὲ
 πόσα κεφάλια κάμνεις κλεψίαις καὶ κόπτεις κὰν πόσων καραβίων πραγ-
 ματευτάδων στραταῖς καὶ βούλεσαι νὰ κουρσέβης; Καὶ ἂν λέγῃς ὅτι δὲν
 ἐνὶ οὕτως καὶ αὐτὰ δὲν γίνεαι ἀπ' ἐμένα, ἄμε ἔρχονται ἀπὸ κάτω καράβια
 25 κουρσάρικα· καὶ νὰ εἰπῆς ὅτι ἐγὼ ἔχθραν δὲν ἔχω, ἀπὸ τοῦτο θέλει
 φανεῖν· ἂν τοῦ Κουρτόγλου τὸν ἀδελφὸν καὶ τὸν Σκαντάριν τοῦ Χοντιάρι
 τὸν δοῦλον τὸν καραβοκύρην πέμψης με κὰν πόσα αἰχμάλωτα με ἕνα σου
 χρήσιμον ἄνθρωπον διὰ νὰ τὸν ἐπάρω εἰς τὰ χῶματα τῶν ποδῶν τοῦ
 εὐτυχεστάτου αὐθεντός μου, νὰ ἀναφέρω τὸ ἴσον σου καὶ νὰ ἐγκλη... ἀπὸ
 30 τὴν μάχαιράν του, ὅτι τὸ ὕστερον μετανόημα δὲν κάμνει διάφορον. Καὶ
 ἂν κάμῃς ἀλλέως παρὰ τοῦτον τὸν ὀρισμόν, φανερόν ἐνὶ ὅτι εἴ τι κλεψία
 γίνεται εἰς τὴν θάλασσαν ὑπὸ τὴν χεῖρα σου γίνεται. Ἐδὰ μωρὲ σκύλλε
 καὶ σκύλλου υἱέ, ἂν τολμᾶς, ἐγὼ εἶμαι εἰς μικρὸς δοῦλος τοῦ αὐθεντός

* Por Vassilikí Krávari.

μου, ἔλα νὰ εὐρεθῆς μετὰ μένα. Ἦμπορεῖ νὰ διαλογίζεσαι καὶ τοῦτο, ὅτι
 δὲν ἐρχόμεσθα εἰς αὐτὴν τὴν χοιρομάνδραν ὅπου στέκεσαι ἀπάνω
 35 τῆς μήπως καὶ δὲν ἠμπορέσωμεν νὰ τὴν ἐπάρωμεν· αὐτὸς ὁ λογισμὸς
 διαβολικὸς ἐνὶ καὶ θέλει φέρειν πολλὰ κακὰ εἰς τὴν κεφαλὴν σου. Μωρὲ
 ἄπιστε, μωρὲ ἀναθεματισμένε, μωρὲ σκυλλίν, ἂν ἦτον ὀρισμὸς ἀπὸ τὸν
 βασιλέα μου, αὐτὴν τὴν χοιρομάνδραν σου μόνον με τὰ παλαιοπάπουσα
 τῶν κωπηλάτων μου ἐγέμιζά την, εἴ μήτε καὶ ὁ μὲν ὀρισμὸς τοῦ
 40 αὐθεντός μου ἔρχεται πάντα ὅτι νὰ μὴν πειράξω αὐτὸ τὸ νησί. Ὅμως
 θαρῶ ὅταν ἀκούσῃ ταῖς κλεψίαις σου νὰ ὀρίσῃ ἐμὲ τὸν δοῦλον του
 ἐσέναν, ἀκόμη καὶ ἄλλους ὡσὰν ἐσὲ σκύλλου υἱὸς καὶ σκύλλους, μὲ τὸ
 πάχος τῶν συκατίων τους νὰ παλαμίσω τὰ κάτεργά μου καὶ εἰς τὰ
 πέρασα τῆς Φραγκίας νὰ κρεμάσω τὴν μάχαιραν τῶν μουσουλμάνων, καὶ
 45 ὅσοι δὲν ὑποταγῶσιν εἰς τέλος νὰ κόψω τὰ κεφάλια τους. Καὶ τοῦτα τὰ
 λόγια μου ἀκόμη ποίησε νὰ τὰ πέμψῃς εἰς τοὺς μεγαλοτέρους σου τοῦ
 σκύλλου τοὺς υἱοὺς τοὺς σκύλλους, τὸν πάπαν σας καὶ ὄλους τοὺς
 ῥηγάδες σας, ὅτι εἰς κοντὸν καιρὸν νὰ χουσι καίμὸν εἰς τὴν καρδίαν τους
 καὶ δέμα εἰς τὸν τράχηλόν τους. Ἀκόμη τὸν Μουσταφὰν τὸν
 50 Σαλονικαῖον τὸ νέον παιδίον νὰ τὸν δώσετε, καὶ τὸν Ἀλὴ Σαλονικαῖον
 ὅπου ὑπάγει μὲ τὸ καράβιν τοῦ Πιρῆ Ρα ἰς νὰ τὸν δώσετε, καὶ τὸν Σιάχ
 Βελῆ ὅπου ἐμίσεισεν ἐδὰ σύντομα ἀπὸ τὴν Πόλιν ἀπὸ τὴν γειτονίαν τῆς
 καινουργίας πόρτας νὰ τὸν δώσετε. Καὶ εἰ μὲν δίδετε τοὺς ἀνθρώπους
 ὅπου ζητοῦμεν, ἀπόστειλέ τους μὲ ἓνα σου χρήσιμον ἄνθρωπον εἰς
 55 Λέρον· εἰ δὲ καὶ δὲν τοὺς ἀποστείλῃς, νὰ ἔλθῃς νὰ εὐρεθῆς μετὰ μᾶς εἰς
 τὴν Λέρον. Οὕτως γίνωσκε.

L. 28 κὰν πόσα: lege κάμποσα || l. 31 ἐγκλη...: fortasse ἐγκλητώσης (pro
 γλυτώσης) cf. trad. ital. || l. 36 pro ἐρχόμεθα || l. 40 ἀπὸ τὸν: complemus || l. 44 ὀρίση:
 complemus sec. trad. ital. || l. 47 pro πέρατα.

Tradução do texto grego *

Primeiro, Deus é um [só], e depois Mafamede, dito também Mustafá [= «o
 eleito»¹], é um justo profeta; e Jesus, servo do Grande [Deus], também é justo profeta,
 e Maria, [sua] Madre, é serva de Deus; e aos maometanos ajuda-os Deus, e sempre
 cortam as cabeças aos inimigos da fé e derramam o seu sangue, e aprisionam os seus
 filhos e filhas, e arruinam seus países e lugares, e cozem seus fígados, desde o prin-
 cípio até hoje. No tempo presente, porém, o cutelo dos muçulmanos foi dado ao rei
 filho do rei, el-rei Selim Cã; e que Deus lhe dê ajuda, como imperador que é do
 mundo, e em toda a parte este e seu exército o azeite que queimam na sua lâmpada
 é o sebo do coração dos infiéis; e os Árabes e os Persas como um grão de mostarda
 estão na bendita concha de sua mão; e senta-se no trono de José, a quem Deus
 guarde. Agora, porém, todos os senhores da África deliberaram entre si e enviaram
 embaixadores para lhe entregarem os seus lugares, e põem a cara na soleira da sua
 porta e lambem-na juntamente. E tu, que és um cão sarnento dum redil, cão e filho
 de cão, cão da danação, e denominas-te grande e mostras-te cão em tempo de um tal
 senhor imperador; com quantas cabeças fazes latrocínios e cortas os caminhos de
 tantos navios de mercadores, e queres pilhar?

E se dizes que não é assim, e que essas cousas não sucedem por minha causa,
 mas que vêm de baixo navios corsários, para dizeres que eu não tenho inimizade,
 com isto se mostrará: se me mandares o irmão do Kr[uto]glo² e o Skandari servo do
 Chondiari, patrão do navio, com algumas presas e um homem capaz dos teus, para
 que o leve até ao pó dos pés de meu felicíssimo senhor, para que apresente o mesmo
 de ti e para que [te salves] de seu cutelo, que o arrependimento tardio não faz efeito.

E se obrares de outra maneira, fora desta ordem, é evidente que se algum roubo
 se produz no mar se produz por tua mão. E portanto, cão imbecil e filho de um cão,
 se te atreves, eu sou um pequeno servidor do meu senhor, vem para te encontrares
 comigo. É possível que penses também nisto: que se não vamos a essa pocilga em que
 estás aí em cima é [receando] que acaso a não possamos tomar; esse pensamento é
 diabólico e trará muitos males à tua cabeça. Infiel imbecil, maldito imbecil, cão
 imbecil, se houvesse uma ordem da parte de meu rei, essa tua pocilga, enchê-la-ia
 apenas com os sapatos velhos de meus remeiros; se nem a grande ordem de meu

* A.N./T.T., *Núcleo Antigo, Fragmentos*, Caixa 2, Maço 2, doc. N.º 76; tradução portuguesa de Luís Filipe Thomaz.

¹ *Muçtafâ*, particípio de *açtafâ*, «escolher», VIII forma (caracterizada por infixação de -t-, que neste caso se assimila ao *çad* precedente e se torna *t*, enfático como ele) da raiz *çafâ / çafw*, «ser ou tornar-se claro, límpido, impoluto, puro». Daí o sentido de «escolheito, eleito, escolhido [de Deus]», aplicado por antonomásia ao Profeta.

² Reconstituímos as letras em falta a partir da versão italiana.

senhor vier, sempre para que eu não incomode essa ilha; contudo julgo que quando ouvir os teus roubos, [mandar-me-á]³ a mim, seu servo, que a ti e ainda outros cães e filhos de cão como tu, com o sebo de seus fígados espalmarei as minhas galeras, e nos confins da Frância suspenda o cutelo dos muçulmanos, e todos os que se não submetam no fim lhes corte as cabeças. E estas minhas palavras faze por mandá-las aos teus superiores, os cães filhos do cão, o vosso papa e todos os vossos reis, que em tempo breve terão mágoa em seus corações e corda para o seu pescoço. E ainda: que nos deis o Mustafá de Salonica, o rapaz novo, e que nos deis o Ali de Salonica que vai com o navio do Piri Rais, e que nos deis o Siah Veli que partiu recentemente daqui da Cidade [= Constantinopla], da vizinhança da Porta Nova. E se derdes os homens que pedimos, manda-os com um teu homem capaz a Leros; e se, contudo, os não mandares, que venhas a encontrar-te conosco em Leros. Assim fica sabendo.

³ *Idem.*

Texto italiano

Copia di la letera dil Capitano di l'armata turchesca,
scrita al Gran Maestro di Rodi.*

Prima è uno Dio, da poi è Machumeth Mustaphà dreto profeta, et Jesù Christo è dreto profeta, servo de Dio, et Maria madre è serva de Dio, et li musulmani com la gratia de Dio tagliano la testa de li inimici de la fede, e spandeno el loro sangue, et li loro figlioli fanno schiavi, et li loro figati fanno rostiti; et cussi è successo infino a lo presente zorno. Hora la spada de li musulmani è data a le mane del signor Sultan Selim signor del mondo, et sempre li lumi, li quali lui à brusano li cori de li chripstiani, et hora tene la Geminia et Arabia in le sue mano, come se fusse uno grano de senape, et senta ne la sedia de Joseph, et Dio lo guardi. Al presente, li signori de la parte di Barbaria, tuti quanti sono, se sono acordati et hanno mandato ambador per der li loro lochi, et meteno la testa in terra per far obedientia al Signor; e tu che sei uno cane rognoso de una mandra, cane figlio di cane, cane de lo inferno, e tu te chiami grande cane al tempo del Signor che governa el mondo, come è questo? com che Consejo fai queste ribalderie, et pigli le strale, et multi merchadanti et corsegi? Et si tu dici questo: non voglia Dio, che non // procede dal canto mio, et è da li corsari che vengono al ponente, io non ho inimicitia; questo si vederà se tu me manderai uno tuo homo a pasta a lo governo de Curtogli, et lo schiavo de Canochiari nominato Raiscander, et com altri szhiavi, li qual io porterò a li piedi del Gran Signor bem avventurato, et io farò relatione che tu lo sii liberato da la sua spata; et la pènitentia quando l'é tarda non valeniente. E se tu farai contra questo mandamento, et si demonstrarà che tuto lo male quale si fa in lo mare procede da la tua testa et voluntà, cane figlio di cane, si ti basta l'animo, io, che son de li minimi schiavi del mio Signor, viene et trovate com me; et se per ventura tu pensi che per paura non veneremo a la tua mandra de porcini a pigliarla, questo pensamento indiavolato, porterà sopra la tua testa multi mali, garzone grosso et infidele, garzone excomunicato, garzone cane. Se io avesse dal mio Signor licentia, io solo impleria la tua mandra de le vechie scarpe de le mie chiurme; ma sempre vene comandamento del mio Signor, et dice questa insula tu la non molesterai. Et habiamo speranza, quando intenderà li toi latrocini), comanderà a me, suo schiavo, che a te et altri, come le cani et figli di cani, che io de la loro grassa habbi a spalmare le mie galere; et infino li ultimi termini de Franza io exaltarò la spada de li musulmani, et taglierò la testa a tutti quelli che non vorano pagar tributi a Selim. Et questa

* Marino Sanuto, *I Diarii*, ed. por Rinaldo Fulin, Frederico Stefani, Nicolò Barozza, Guglielmo Berchet e Marco Allegn, tomo XXIV, Venezia, Marco Visentini, 1889, col. 440-441.

mia admonitione, che dico a te, la dico ancora, aziò che tu la mandi, al tuo Papa et Re de maggiori di te cani, figli de cani, perchè com lo adinto de Dio in breve tempo farò che harano focho in loro core et corda al loro collo; et lo sapiano. Ancora voglio uno schiavo de Salonichi, Acremat Oghi Mustaphà, che è tenero garzone; ancora uno de Salonichi che fu preso in la nave de Salonichi, nominato Alli, che imperò lo (voglio) et fa che tu li doni; et ancora de Constantinopoli de la contrata de la Porta nova che lo chiamano Siat Beli, lo darai insieme com li altri a questi homeni, quale noi domandamo. Li manderai com uno tuo homo fidato a Lezzo; et se tu non me li manderai verrò a Lezzo etsi troveremo insieme.

Comentário filológico *

Em atenção ao leitor português, certamente mais familiarizado com o grego de Ésquilo ou de Aristófanes do que com o da chancelaria otomana, permitimo-nos alinhar aqui algumas breves notas sobre os caracteres da linguagem em que está redigido o texto, que é para mais um dos raríssimos manuscritos gregos conservados nos nossos arquivos.

Em traços gerais, a língua enquadra-se no que se designa habitualmente por *καθαρεύουσα*, isto é, um compromisso entre o grego clássico e o moderno – *mutatis mutandis*, de índole semelhante à do latim dos nossos tabeliães medievais, recheado de vulgarismos, quando não de barbarismos.

No campo da fonética convém notar que o autor grafa a língua segundo a ortografia tradicional, que, tal como a do inglês e a do francês ainda hoje, é voluntariamente arcaizante, mais etimológica que fonológica. Nos erros ortográficos, assaz numerosos, aflora contudo a real pronúncia do escriba, que a grafia arcaizante não logra mascarar inteiramente, e que, como é bem sabido, difere consideravelmente da pronúncia ática do século V a. C., que exactamente na mesma época Erasmo buscava restaurar.

O traço mais característico da pronúncia moderna, o *iotacismo* (*i. e.*, a pronúncia *i* não só do *ι*, mas também do *η*, do *υ*, e dos antigos ditongos *ει*, *οι*, e *υι*) reflecte-se por exemplo no emprego de *η* para notar o som *i* na transcrição de nomes próprios turcos como Salim, Ali, Piri Rais, etc. Há também casos de confusão entre *η* e *ι*, e entre *ει* e *η*, tudo homófonos em grego moderno: a forma *παλαμίσω* (conjuntivo aoristo de *παλαμίζω*, «espalmar», l. 23) em vez de *παλαμίσω*, que é a forma etimológica; *ἀκόμι*, «ainda» (l. 23, 27, etc.) em vez de *ἀκόμη*; o infinito *φανῆν* em vez de *φανεῖν* (l. 13); *εἶμε* por *εἶμαι*, «sou» (l. 17); *ἦσαι* por *εἶσαι*, «és» (l. 10); *ποισε* (imperativo aoristo de *ποιέω*) por *ποίησε* (l. 25); etc. Por outro lado o ditongo *αι* tomou em grego moderno, como sucedeu também em francês, o som *e*, de modo que a terminação *-εσ* do nominativo-acusativo plural dos nomes masculinos e femininos de tema em vogal diferente de *ο*, aparece grafada *-αις*, certamente por cultismo gráfico tendente a fazê-lo coincidir com o antigo dativo do plural da primeira declinação; tal é, por exemplo, o caso de *στράταις*, «estradas, *i. e.*, caminhos», na linha 12, e de *κλεψίταις*, «roubos» (l. 11 e l. 22).

A pronúncia moderna do *υ* como *υ* nos antigos ditongos *αυ* e *ευ* e a pronúncia espirante das antigas oclusivas sonoras *β*, *δ* e *γ* são atestadas pela grafia *κουρσέβω* (l. 12) em vez de *κουρσέυω*, homófonos em grego moderno.

Um outro traço da pronúncia moderna, a articulação sonora das oclusivas *π*, *τ*, e *κ*, quando precedidas de nasal (pronunciadas, por conseguinte, respectivamente *b*, *d* e *g*) reflecte-se na grafia *Σκαντάριν*, que transcreve aproximadamente o antro-

* Por Luís Filipe Thomaz.

pónimo *Iskandar* (forma árabe, e daí persa, turca, etc., de *Alexandre*, com aférese do elemento *Al-*, identificado com o artigo árabe *al*, e metátese dos fonemas *-k- e -s*, de origem analógica).

No aspecto morfológico há também duas ou três peculiaridades a notar. Na flexão nominal nota-se o desaparecimento do dativo, substituído na sua função de complemento indirecto pela construção *eis + acusativo*, paralela à construção *ad + acusativo* que prevaleceu nas línguas românicas; essa construção serve também para indicar o *lugar onde*, em vez do clas. *en + dat.*: *eis tēn thálassan*, «no mar» (l. 17). No plural dos nomes em *-α* ocorre por vezes a terminação *-αις* (*στράταις*, l. 11, «estradas, caminhos»; *κλεψίταις*, l. 11 e 22, «roubos»); como adiantámos já, não se trata na realidade de dativos, mas de uma grafia classicizante, pseudo-etimológica, de nominativos-acusativos modernos em *-ες*, terminação que era em grego clássico a do nominativo plural da terceira declinação (que em grego moderno se fundiu com a primeira, refazendo-se a flexão a partir do acusativo singular em *-α*); adoptada para o nominativo plural dos nomes masculinos e femininos de tema em vogal diferente de *-ο*, comunicou-se, na maior parte dos dialectos, também ao acusativo (subsistindo, contudo, acusativos do plural em *-ας* nos dialectos meridionais, como o de Creta e o de Chipre). No caso do pronome pessoal da 3.^a pes. sing., regista-se um acusativo, *τον* (l. 9), em função de complemento indirecto, o que é um traço dos dialectos setentrionais do grego moderno, preferindo os demais dialectos o genitivo (que no caso vertente seria *του*). Como é normal em grego moderno, afora algumas expressões feitas, todas as preposições se constroem com acusativo: *ὑπὸ τῆν χειρά σου*, «da tua mão, por tua mão» (l. 17).

Regista-se também a ocorrência de alguns nomes *imparissilábicos*, isto é, que no plural intercalam um *-δ-* entre o tema e a desinência, do que resulta ficarem com mais uma sílaba que no singular (tipo sem dúvida calcado sobre o dos nomes clássicos em *-ις*, *-ιδος*, que quando barítonos faziam já o acusativo singular em *-ιν*, como se fossem temas em *-ι*): *πραγματευτάδων*, gen. plur. de *πραγματεύτης*, «comerciante, mercador» (l. 12); *ρηγάδες*, nom.-ac. pl. de *ρήγας* (lat. *rex, regis*), «rei» (l. 26).

Os pronomes pessoais ocorrem por vezes nas formas vulgares: *ἀπ' ἐμένα*, «de mim» (forma não enclítica do acusativo de *ἐγώ*, «eu», l. 13); *μετὰ μάς*, «con-nosco» (l. 30); e com uma forma vulgar alternando com a clássica: *ἐσέναν*, *ἀκόμι καὶ ἄλλους ὡσάν ἐσὲ σκύλλου υἱοῦς*, «a ti, e ainda a outros como tu filhos de cão» (l. 23). Como é normal em grego moderno não ocorrem pronomes possessivos, substituídos pela forma enclítica do genitivo do pronome pessoal respectivo: *μὲ ἕνα σου χρήσιμον ἄνθρωπον*, «com um teu homem capaz» (l. 14-15); *τοῦ εὐτυχεστάτου αὐθεντὸς μου*, «de meu felicíssimo senhor» (l. 15); *ἀπὸ τῆν μάχαιράν του*, «de seu cutelo» (l. 16); *εἰς τον πάπαν σας καὶ ὄλους τοὺς ῥηγάδες σας*, «a vosso papa e a todos os vossos reis» (l. 26); etc. No caso da terceira pessoa do plural usa-se o acusativo enclítico em vez do genitivo: *τὰ κεφάλια τους*, «as suas cabeças» (l. 25).

Na flexão verbal nota-se a ausência do futuro simples do grego antigo, substituído por um futuro perifrástico, formado de *θέλω conjugado + infinitivo*, que parece representar um compromisso entre a forma moderna, *θά* (< *θέλω ἰνὰ*) *invariável + conjuntivo*, e uma construção com infinitivo, possível em grego clássico mas impossível em grego moderno (onde, como também sucede nas línguas eslavas vizinhas, como o búlgaro, o infinitivo caiu em desuso). Ex.: *ἀπὸ τοῦτο θέλει φανεῖν* (l. 13), «com isto se mostrará»; *θέλει φέρειν* (l. 20), «trará»; etc.

O conjuntivo é regularmente introduzido por *νά* (< *ἰνὰ*) como em grego moderno: *διὰ νὰ τὸν ἐπάρω*, (l. 15) «para que eu o leve»; *νὰ δώσετε* (*passim*, l. 27-29), «que deis»; *νὰ ἔρθης νὰ εὐρεθῆς* (l. 30), «que venhas para que te encontres», *i.e.*,

«que venhas encontrar-te»; etc. Trata-se em todo os casos do aoristo do conjuntivo, que indica o aspecto pontual, não se achando casos de presente do conjuntivo (idêntico aliás ao do indicativo, só que precedido de *νά*), denotando o aspecto contínuo ou iterativo. De qualquer modo em ambos os casos as desinências são em grego moderno as mesmas que no indicativo, residindo a distinção entre um e outro modo na presença da partícula proclítica *νά*, que é assim a única marca pertinente do conjuntivo; em conformidade encontramos por exemplo (l. 9) *νὰ τὸν παραδώσουσι* (e não *παραδώσωσι*), «para lhe entregarem», *νάχουσι* (*νὰ ἔχουσι*), «para que tenham» (l. 26), etc. A grafia do conjuntivo clássico, caracterizado pelo alongamento da vogal predesinencial, aparece sobretudo onde as duas formas se tornaram homófonas, como em *ἄν λέγης*, «se dizes» (l. 12), *νὰ εἰπῆς*, «para que digas, para dizeres» (l. 13), *νὰ εὐρεθῆς*, «para te encontres» (l. 18), etc.

Do optativo, obsoleto em grego moderno, ocorre um único exemplo, numa expressão feita: *ὄν ὁ Θεὸς διαφυλάξει* (l. 8), «que Deus guarde». De perfeitos, igualmente obsoletos, não há exemplos.

Do verbo substantivo «ser», aparece a forma clássica da 3.^a pessoa do singular do indicativo presente, *ἐστί*, nas primeiras linhas do documento; mas daí em diante prevalecem formas vulgares: *ἔνι* (aparentemente metátese de *εἶναι*, antigo infinitivo hoje usado como 3.^a pessoa tanto do singular como do plural do presente do indicativo), «é» (l. 6, 7, 12, etc.); para o plural ocorre a forma insólita *ἔνεν* (l. 7), «são». As restantes pessoas aparecem, ainda que com ortografias aberrantes, com as desinências da voz média, como é normal em grego moderno: *ἔιμε*, por *εἶμαι*, ortografia corrente (l. 17), «sou», *ἦσαι* por *εἶσαι* (l. 10), «és». No imperfeito aparece a forma *ἦτον*, «era» (l. 20), que nem coincide com a forma clássica, *ἦν*, nem com a moderna, *ἦταν*.

Na flexão dos demais verbos há a notar diversas peculiaridades: a desinência da 3.^a pessoa do plural do indicativo presente tem normalmente a forma clássica *-ουσι* (que aliás subsiste em grego moderno nos dialectos meridionais), não se registando exemplos da forma moderna mais corrente *-ουν*: *κόπτουσι*, «cortam», *ἐκχέουσι*, «derramam», *αἰχμαλωτίζουσι*, «aprisionam» (l. 4), etc.; na voz média a desinência da 2.^a pessoa do singular dos presentes é regularmente *-εσαι* (forma primitiva, que em grego clássico nos verbos em *-ω* se reduziu a *-ει* por síncope do *σ* intervocálico, mas subsistiu nos verbos em *-μι*, de onde, desde o grego do Novo Testamento, reganhou os verbos em *-ω*, os únicos aliás que subsistem em grego moderno): *μετονομάζεσαι*, «intitulas-te» (l. 10), *φανερώνεσαι*, «mostras-te» (l. 11), *βούλεσαι*, «queres» (l. 12), etc. A desinência da primeira pessoa do plural (de que ocorre um único exemplo) aparece na forma *-μεσθα*, que parece representar um cruzamento da desinência clássica *-μεθα* com a moderna *-μασθε*: *ἐρχώμεσθα*, «vimos» (l. 18).

Não há traços dos antigos verbos ditos atemáticos ou em *-μι*: *δίδωμι*, «dar» cedeu o lugar a *δίδω* (*νὰ δίδω*, «dê», l. 5; *δίδετε*, «dais», l. 29; a forma mais vulgar, *δίνω*, não ocorre); *τίθημι* cedeu o lugar a *θέτω* (*θέτουσι*, «põem», l. 9); e *κρεμάννυμι* a *κρεμάω* ou *κρεμάζω*, deduzidos do aoristo *ἐκρέμασα* (l. 24). Um traço classicizante é o uso do aumento no imperfeito e no aoristo, mesmo quando não recebe o acento (único caso em que em grego moderno se mantém): *ἐγέμιζα* «enchia, encheria» (l. 21); *ἐμίσευσεν* «partiu, viajou» (l. 28). Por vezes há hesitação entre a forma classicizante e a vulgar; assim *κάμνω*, «fazer» (em grego clássico «cansar-se») aparece na l. 16 em duas formas divergentes: *κάμνη*, «faz» e *κάμης*, «fazes» (uma terceira forma, o presente *κάνω*, hoje corrente, não aparece no texto).

As preposições e conjunções ocorrem bastas vezes nas formas vulgares: *με* (< clas. *μετὰ*, certamente por haplogia antes do artigo *τὸ*, *τὰ*, etc.), «com» (*passim*, *v. g.*, *με ἕνα*, «com um», l. 29); *νὰ* (< clas. *ἰνὰ*), «que, para que» (*passim*, *v. g.*, *διὰ νὰ*

τὸν ἐπάρω, «para que o tome», l. 15); etc. A negação simples é sempre δέν (< clas. οὐδέν, «nada») e jamais οὐκ, «não»; e o pronome relativo sempre ὅπου ou ποῦ (indeclinável, que em gr. clas. significava «onde»).

É contudo no capítulo do vocabulário que os vulgarismos são mais numerosos. Podemos dividi-los em duas classes. Os termos vernáculos gregos que na passagem da língua clássica à moderna sofreram uma maior ou menor evolução na forma e/ou no sentido; e os empréstimos latinos, italianos ou turcos. Na primeira classe são particularmente frequentes os antigos diminutivos em -ιον, -ίου (mod. -ι, -ίου), usados em vez dos respectivos étimos, que no texto aparecem geralmente na forma intermediária em -ιν (< -ιον, com síncope do ο) como κεφάλια, pl. de κεφάλι(ο)ν, (dim. de κεφαλή, «cabeça», l. 11), νήσιν (dim. de νηὸς, «ilha», l. 22), etc. Nesta classe registamos:

ἀλέος (l. 16), por ἀλλέως (cl. ἄλλῶς), «de outro modo»;

ἀπάνω (l. 19) < ἀπὸ + ἄνω, mais vulgarmente πάνω ou ἐπάνω (< ἐπὶ + ἄνω) «em cima»;

ἀποκρισιάριος (l. 9), «legado, embaixador, mensageiro» (de ἀποκρισις, «resposta», mas através do baixo latim *apocrisarius*, atestado desde a versão das *Histórias Filípicas* de Pompeu Trogo por Justino, sécs. III-IV, usado em Bizâncio para os legados do papa, permanentes desde o concílio de Calcedónia, 451, e dos patriarcas à corte imperial e vice-versa);

αὐτοκράτορας (l. 6; cf l. 11), < cl. αὐτοκράτωρ, «independente», de onde «plenipotenciário, general-em-chefe», usado desde Plutarco, séc. I, para traduzir o latim *imperator*, «imperador, i. e., califa, sultão»;

γινώσκω (l. 30), < cl. γινώσκω, «conhecer, saber»;

ἔλα (l. 18), imperativo aoristo de ἔρχομαι (cl. ἐλθὲ), «vem»;

ἐπάγη (l. 27), por ἐπάγει (cl. ἐπάγω «conduzir, conduzir-se, pôr-se em movimento»), «vai», aparentemente por confusão com ὑπάγει (mais vulgarmente πάει), tornado homófono pela aférese das vogais iniciais não acentuadas em grego moderno; ὑπάγω aparece já no sentido de «ir» na versão grega dos *Testamentos dos XII Patriarcas*, datável de meados do séc. I; ὑπάγει > πάει, embora por vezes se use como presente, usa-se sobretudo como aoristo do conjuntivo, ou, precedido de θά, como futuro; para o presente do indicativo forjou-se por analogia com outros verbos uma forma sufixada πηγαίνει;

ἐπάρω (l. 15; cf l. 19), aoristo do conjuntivo de ἐπαίρω (cl. «levantar», mod. «tomar», ind. pres. παίρνω);

ζητούμεν (l. 29), 1.^a pes. pl. pres. ind. ζητέω, cl. «procurar» (vulgarmente também ζητάμε), «pedimos, exigimos»;

ἤμπορῶ (l. 18; cf l. 19), mais vulgarmente μπορώ (aparentemente da mesma raiz de cl. ἔμπορος «viandante, transportador, almocreve, mercador» e ἔμπορεύομαι, «atravessar, seguir, comerciar, lucrar»), «poder»;

καϊμὸς (l. 26), também grafado καημὸς e καυμὸς (< √ καίω, «queimar»), «dor, pena»;

κάμνω, κάμω (l. 11; cf l. 16), mais vulgarmente κάνω, «fazer, obrar» (cl. «cansar-se»; o sentido intermédio «ganhar com esforço» está atestado desde a Alta Idade Média numa anónima *Vita Danieli*);

κάτεργα (l. 24), «galés, galeras» (< κάτεργος, «trabalhado»);

κατώφλιον (l. 9), vulg. κατώφλι, «limiar, soleira da porta»; alude quiçá ao uso turco de designar a corte por «Porta», *kapi* ou *qapu*, ou Sublime Porta, *babi-ali* ou *bâb-e-âli*;

μεγάλος (l. 1), «grande» (cl. μέγας, gen. μέγαλου), nom. usado já por Porfírio (233-304) na *Vida de Plotino*;

μεγαλύτερος (l. 25), por μεγαλείτερος (em rigor comp. de μέγαιος, «magnificante»; cl. μείζων, comparativo de μέγας), «maior»;

μήπως (l. 19) < μή + πῶς, usado já por Orígenes (m. 254), «acaso, porventura, não?»;

νησίον (l. 22) «ilha» < cl. νησίον, «ilhéu, ilhota»; não se trata do termo cl. sinónimo νησίς, νησίδος, que é feminino e, como palavra oxítone que é, faz no ac. νησίδα;

παλαμίσω (l. 23), por παλαμίσω, aoristo de πάλαμιζω (de παλάμη, «palma da mão»), «espalmar [um navio na praia para o reparar] ensebar, calafetar»;

πάπας (l. 26), mais comumente grafado πάππας (< cl. πάπτιας, «papá»), no plural πάπες, «papa» (título de respeito para bispos em geral, cujo uso se foi restringindo gradualmente aos de Roma e Alexandria); atestado no sentido de «bispo de Roma» desde o séc. IV, na *Epístola de Ursácio e Valente ao papa Júlio*; a forma divergente παπᾶς, pl. παπαδες, tomou o sentido mais lato de «padre, sacerdote»;

πάχος (l. 7 e 23), «gordura, graxa, sebo» (cl. «espessura, grossura, consistência»); πειράξω (l. 22), aoristo do conjuntivo de πειράζω (cl. πειράω, «tentar»), «incomodar, prejudicar»;

πέρασα (l. 24), plural vulgar de cl. πέρας, πέρατος, «confins, extremidades»;

Σαλονικαῖος (l. 27), «tessalonicense, natural de Salonica» (cl. Θεσσαλονίκη);

σικῶτι (l. 4 e 23), por σικῶτι, «fígado» (cl. ἥπαρ): dim. de σικῶτον, «[manjar] preparado com figos», paralelo ao romance **ficatum* > *fegato, fígado, foie, hígado*, etc., de *ficus*, «figo»; o plural σικῶτια é já usado no sentido de «vísceras, entranhas» no séc. VI, na *Chronographia* de João Malalas;

σκύλλος, σκύλος, σκύλλι, σκύλι (*passim*) «cão» (cf cl. σκύλιος, σκύλιον, «espécie de cão do mar», mencionado por Aristóteles na *História dos Animais*, termo aparentado a σκύλαξ, «cachorro», atestado desde a *Odisseia*, que destronou o termo cl. κύων, «cão»), atestado na forma σκυλι(ο)ν em exorcismos da Alta Idade Média;

στέκω, στέκομαι (l. 19), «estar de pé» (aparentemente formado sobre o tema do perfeito de ἵστημι);

τόρα (l. 8), por τῶρα (< τῆ ὥρα, «na hora») «agora», atestado desde os sécs. VIII-IX, na *Confutatio Agareni* de Bartolomeu de Edessa;

χοιρομάνδρα (l. 19), «pocilga» (< cl. χοῖρος, «leitão» + μάνδρα, «cerro, estábulo»); ὡσάν, (l. 23), mais vulgarmente σάν, «como» (< ὡς ἄν, «como se»).

Como palavras de origem estrangeira podemos mencionar:

καράβι (l. 12; l. 28), «barco, pequeno navio» quiçá «caravela», dim. de κάραβος, «navio, cávano» (já atestado em cl., mas na acepção de «lagosta» ou «escaravelho», em que ocorre v. g. na *História dos Animais* de Aristóteles); atestado no presente sentido no *Martírio de St.º Aretas* (séc. VI), no *Chronicon Paschale* (séc. VII), etc.; é termo mediterrânico, de origem imprecisa, que passou ao latim na forma *carabus* (atestada desde as *Etimologias* de St.º Isidoro de Sevilha, 570-636), que designava originariamente uma «embarcação de vime forrada de pele», mas acabou por designar genericamente diversos tipos de embarcação de vela latina; é o étimo do português *cávano*, atestado desde o século XV, de onde o dim. *caravela*, provavelmente de origem genovesa; o siríaco *qarabiyon* é usurpado ao grego, como provavelmente também o árabe *qârib*;

καραβωκύρις (l. 14), «patrão de navio, capitão» < κάραβος + κύριος, «senhor»; κουρσάρικα (l. 13), «corsários (navios)», certamente do italiano *corsaro*, embora κούρρος, no sentido de «expedição predatória» (< lat. *cursor*) esteja atestado em grego desde a *Chronographia* de Teófanos Confessor (m. 871);

κουρσέβω (l. 12), por κουρσεύω, «praticar o curso, fazer ofício de corsário» (da mesma raiz e atestado desde o mesmo texto);

μαχομετάνος (l. 2), «maometano», do nome de Mafoma ou Mafamede, *Muhammad* em árabe; o termo mais comum é σαρακένος, «sarraceno», usado já por Eusébio de Cesareia (264-340) e Sinésio de Cirene (378-431) para designar os árabes antes do islão;

μουσουλμάνος (l. 5; l. 24), adaptação (sem dúvida através do turco) do persa *musulmân*, adjetivo baseado no árabe *muslim*, pl. *muslimân*; deve tratar-se de uma das mais antigas ocorrências do termo em línguas europeias, visto que em italiano só está documentado em 1557, em inglês em 1563, em português na mesma época (nas obras de Garcia de Orta e Fernão Mendes Pinto) e nas demais línguas ainda mais tarde;

παλαιοπάπουσα (l. 21), «sapatos velhos» < παλαῖος, «velho» + πάπουσα, variante da forma mais corrente παπούτσια, pl. de παπούτσι, «sapato» (do persa *pâ-pûsh*, lit. «cobertura dos pés», através do turco);

πόρτα (l. 29), «porta», do latim *porta*, «porta de uma cidade ou fortaleza, portão, porta»; atestado em grego já na obra de St.º Atanásio (m. 373), nos apócrifos *Actos de Pedro e Paulo*, etc.;

ρήγδες (l. 26) pl. de ῥήγας, «rei»; o termo cl. βασιλεὺς, embora na linguagem corrente, na epigrafia e até na numismática servisse para designar o imperador romano, aplicava-se na época romana sobretudo ao Grande Rei da Pérsia; foi depois de o ter vencido que Heráclio (r. 610-641) se começou a intitular oficialmente βασιλεὺς, termo de que a chancelaria imperial bizantina usaria até ao fim do império em 1453; como por outro lado o imperador (αὐτοκράτωρ, cf. *supra*) se pretendia imperador universal, nem o título de αὐτοκράτωρ nem o de βασιλεὺς se podiam aplicar a reis bárbaros, pelo que fazia falta um termo para designar os pequenos reis da periferia do império, como os da Arménia e da Geórgia e os régulos eslavos e germânicos, teoricamente vassalos do imperador universal; foi por essa razão que se usurpou ao latim o vocábulo *rex*, que, helenizado em ῥήξ, ῥήγος, aparece já no século IV na pena de S. João Crisóstomo, Evágrio Sofista, etc.; a sua flexão sofreu a seguinte evolução: sobre o ac. ῥήγα recriou-se um nom. ῥήγας; depois, sobre o tipo dos nomes como λαμπάς, pl. λαμπάδες, fez-se-lhe um plural ῥηγάδες, que o tornou *imparissilábico* (cf. *supra*);

στράτα (l. 12), «via, caminho», do lat. *strata*, «estrada», documentado em grego desde a *Vida de Hipácio* de Calínico Monje (séc. V);

Φραγκία (l. 24), «Frância, país dos Frangues», termo divulgado na época carolíngia para designar a Europa Ocidental, de rito romano (que a partir do século XI, com a adopção do rito romano pelo concílio de Burgos, em 1080, e a europeização da cultura ibérica, operada em boa parte pelos monjes de Cluny, passou a incluir também a Península Hispânica); o termo Φράγκος, «cristão latino, frangue» passou do grego bizantino ao árabe e ao persa e daí a numerosas línguas orientais como o concaním, o malaio, o cantonês, etc.

BIBLIOGRAFIA

- BAILLY, M. A., *Dictionnaire Grec-Français*, rédigé avec le concours de M. E. Egger, 11.ª ed., Hachette, Paris, 1928.
- BENVENISTE, Émile, *Problèmes de linguistique générale*, 2 vols., Gallimard, Paris, 1966-1974.
- ΒΑΑΧΟΥ, Αγγέλου, *Λεξικόν Ἑλληνο-Γάλλικον*, 3.ª ed., I. Σιδέρης, Atenas, 1909 (reimp. s/d).
- BRÉHIER, Louis, *Le Monde Byzantin: les Institutions de l'Empire Byzantin*, L'évolution de l'humanité, Ed. Albin Michel, Paris 1949 (reimp. 1970).
- BROWNING, Robert, *Medieval and Modern Greek*, Atchinson University Library, Londres, 1969.
- BUCHWALD, Wolfgang, Armin Hohlweg & Otto Prinz, *Dictionnaire des Auteurs Grecs et Latins de l'Antiquité et du Moyen Âge*, traduit et mis à jour par Jean Berger & Jacques Billen, Brepols, [Turnhout, 1991].
- CHANTRAINE, Pierre, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque – Histoire des Mots*, 3 vols., Ed. Klincksiek, Paris, 1968-74.
- COROMINAS, Joan & José A. Pascual, *Diccionario Crítico Etimológico Castellano y Hispánico*, 6 vol., Gredos, Madrid, 1987-1991.
- CORTELAZZO, Manlio, & Paolo Zolli, *Dizionario etimologico della lingua italiana*, 5 vols., Zanichelli, Bolonha, 1979-88 (reimp. 1991-92).
- COSTAZ, S.J., Louis, *Dictionnaire Syriaque-Français – Syriac-English Dictionary – Qâmûs Suriyânî-'Arabî*, Imprimerie Catholique, Beirute, 2.ª ed. (1963).
- DALGADO, Sebastião Rodolpho, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols., Coimbra, 1919-22 (reimp. Asian Educational Services, Nova Deli & Madrastra, 1988).
- DAUZAT, Albert, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*, Larousse, Paris, 1938.
- DU CANGE, *Glossarium Mediæ et Infimæ Latinitatis*, [1.ª ed., Paris, 1678], 5 vols. (reimp. da ed. de 1883-87), Akademische Druck, Graz, 1954.
- ERNOUT, A., & A. Meillet, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine – Histoire des Mots*, 4.ª ed., Ed. Klincksiek, Paris, 1985.
- FERREIRA, Emmanuelis Josephi, *Magnum Lexicon Novissimum Latinum et Lusitanum*, ad plenissimam scriptorum latinorum interpretationem accomodatum (...), ad norma præcipue magni lexici latini et lusitani RR.PP. MM. Fr. Emmanuelis Pini Cabralii & Josephi Antonii Ramalii (...), opera et studio..., Paris, 1833.
- KAZIMIRSKI, A. de Biberstein, *Dictionnaire Arabe-Français, contenant toutes les racines de la langue arabe, leurs dérivés tant dans l'idiome vulgaire que dans l'idiome littéraire*, 2 vol., Paris, 1860 (reimp. Librairie du Liban, Beirute, s/d).
- GOODWIN, William W., *A Greek Grammar*, MacMillan / St Martin Press, Londres, Nova Iorque, etc., (1879) reimp. 1965.
- LAMPE, G. W. H., *A Patristic Greek Lexicon*, Clarendon Press, Oxford, 1961 (reimp. 1982).
- LAUSBERG, Heinrich, *Linguística Românica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1974).
- LEWIS, Charlton T., & Charles Short, *A Latin Dictionary*, founded on Andrew's edition of Freund's Latin Dictionary, revised, enlarged and in great part rewritten by..., Clarendon Press, Oxford 1879 (reimp. 1966).

- LIDDELL, Henry George & Robert Scott, *A Greek English Lexicon*, Clarendon Press, Oxford, 8.^a ed. 1897 (reimp. 1958).
- MACHADO, José Pedro, *Dicionário etimológico da língua Portuguesa, com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados*, 3 vols., 2.^a ed., Ed. Confluência/Livros Horizonte, Lisboa & S. Paulo, 1967.
- MACHADO, José Pedro, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, coordenação de..., 13 vols., Sociedade de Língua Portuguesa / Amigos do Livro Ed., Lisboa, 1981-86.
- MEILLET, A., & J. Vendryès, *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques*, 4.^a ed., Lib. Ancienne Honoré Champion, Paris, 1968.
- MEILLET, A., & Marcel Cohen, *Les Langues du Monde*, par un groupe de linguistes, sous la direction de..., nouvelle édition, Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1952.
- MEILLET, A., *Aperçu d'une Histoire de la Langue Grecque*, 7.^a ed., Lib. Hachette, Paris, 1930.
- MEILLET, A., *Introduction à l'Étude Comparative des Langues Indo-Européennes*, 8.^a ed., Lib. Hachette, Paris, 1937 (reimp. 1953).
- MIRAMBEL, André, *Petit Dictionnaire Français-Grec Moderne et Grec Moderne-Français*, Maisonneuve et Larose, Paris (1973).
- MORAES SILVA, António de, *Diccionario da Lingua Portugueza por...* (natural do Rio de Janeiro), nova ed. revista e melhorada, 2 vols., Rio de Janeiro & Lisboa, 1889.
- PIERACCIONI, Dino, *Grammatica Greca per le scuole classiche*, 5.^a ed., Sansoni, Florença, 1967.
- QUICHERAT, L., & A. Daveluy, *Dictionnaire Latin-Français*, 31.^a ed., Paris, 1879.
- REDHOUSE, Sir James (& alii), *Redhouse yeni Türkçe - İngilizce Sözlük / New Redhouse Turkish-English Ditionary*, Redhouse Yayınevi, Istanbul, 12.^a ed., 1991.
- SMITH, J. Payne (Mrs. Margoliouth), *A compendious Syriac Dictionary*, founded upon the *Thesaurus Syriacus* of R. Payne Smith, Clarendon Press, Oxford, 1903 (reimp. 1979).
- STEINGASS, F., *A comprehensive Persian-English Dictionary, including the Arabic Words and Phrases to be met with in Persian Literature*, reimp. Oriental Books Reprint Corporation, Nova Deli, 1981.
- TONNET, Henri, *Histoire du Grec Moderne - La formation d'une Langue*, L'Asiathèque, Paris, 1993.
- ΤΡΙΑΝΤΑΦΥΛΛΙΔΗΣ, Μανόλης, *Νεοελληνική Γραμματική (Τής Δημοτικής)*, Οργανισμός Εκδόσεως Σχολικών Βιβλίων, Atenas, 1941.
- WEHR, Hans, *A Dictionary of Modern Written Arabic*, edited by J. Milton Cowan, 3.^a ed., Spoken Languages Services, Nova Iorque, 1976.

O MALGRADO ESTABELECIMENTO OFICIAL DOS PORTUGUESES EM SUNDA E A ISLAMIZAÇÃO DA JAVA

Colectânea documental organizada, apresentada e anotada
por

LUÍS FILIPE F. R. THOMAZ

Olha a Sunda tão larga, que ãa banda
esconde para o Sul dificultoso.
A gente do sertão, que as terras anda,
um rio diz que tem miraculoso,
que por onde ele só sem outro vai,
converte em pedra o pau que nele cai.

Camões, *Os Lusíadas*, X, 134.

Se a multifacetada história de Java foi por Denys Lombard admiravelmente escarpelizada no originalíssimo trabalho que pode ser considerado a sua obra-prima ¹, a da presença dos portugueses em Bantão, principal porto da Sunda, foi com não menor maestria sintetizada por Claude Guillot, em artigo infelizmente mal conhecido ².

Pareceria, pois, que sobre o tema que nos aqui ocupa mais nada houvesse a dizer. De facto, embora seja certamente possível completar e desenvolver o que um e outro escreveram, com base em novos documentos que eventualmente se venham a achar, não estamos por ora em condições para o intentar; nosso propósito é assim apenas o de publicar na íntegra a documentação em que Guillot se baseou para redigir a parte do seu trabalho concernente às tentativas de estabelecimento oficial dos portugueses em Sunda em 1522 e 1527, que de outra feita utilizáramos também já uma vez ³.

¹ Denys Lombard, *Le carrefour javanais - Essai d'histoire globale*, 3 vols., École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1990.

² «Les Portugais et Banten (1511-1682)», in *Revista de Cultura* (n.º especial «Os mares da Ásia, 1500-1800: Sociedades locais, Portugueses e expansão europeia» / «The Asian Seas, 1500-1800: Local Societies, European Expansion and the Portuguese»), ano V, vol. I, n.º 13-14, Instituto Cultural de Macau, Jan.-Jun. 1991, pp. 80-95.

³ Art. «Java» in L. Albuquerque, *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, s.v.